



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE PEDAGOGIA

JECIANE SILVA PEREIRA

RETRATOS DO MAL-ESTAR DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

São Luís

2025



JECIANE SILVA PEREIRA

RETRATOS DO MAL-ESTAR DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Lia Silva Fonteles Serra

São Luís

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Pereira, Jeciane Silva.

Retratos do mal-estar docente na educação infantil / Jeciane Silva Pereira. – 2025.
72 p.

Orientador (a) : Lia Silva Fonteles Serra . Monografia (Graduação) - Curso de
Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Mal-estar. 2. Docente. 3. Educação infantil. I. Serra, Lia Silva Fonteles. II.
Título.

JECIANE SILVA PEREIRA

RETRATOS DO MAL-ESTAR DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Aprovada em 10 / 03 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Lia Silva Fonteles Serra (Orientadora)
Departamento de Educação II - UFMA

Profª Drª Sirlene Mota Pinheiro da Silva
Departamento de Educação I - UFMA

Profª Mª Francilva Costa de França
Departamento de Educação II - UFMA

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar, em primeiro lugar, minha gratidão a Deus, que sempre foi o meu alicerce e me sustentou em todos os momentos dessa jornada e nunca me deixou desistir.

Aos meus pais Jefferson e Ana, que sempre me deram condições para estudar, acreditaram no meu potencial e foram meu maior apoio em cada etapa dessa caminhada.

À minha irmã Jessica, que foi um dos meus pilares nos momentos de insegurança, sempre me lembrando de que eu era capaz. Sua ajuda durante todo o processo, especialmente nas dificuldades com os trabalhos acadêmicos, contribuiu muito para que eu chegasse até aqui.

Ao meu namorado Tiago, com quem compartilhei todos os momentos dessa trajetória, desde as alegrias por alcançar meus objetivos até as angústias pelo medo de não dar conta. Seu apoio incondicional e suas palavras de encorajamento, sempre me lembrando de que tudo daria certo, foram essenciais para que eu seguisse firme.

Aos meus avós Antônia, José, Tereza e Elizio que sempre torceram por mim e acompanhavam, cheios de expectativa e orgulho, meu sonho de ingressar na UFMA.

Aos meus tios, em especial Júnior e Sílvia, que sempre torceram por mim, me apoiaram e contribuíram significativamente para a minha formação.

Às minhas amigas Kamylla, Willianne e Gabriele, com quem compartilhei a universidade. Cada risada e desafio enfrentado com vocês tornou essa jornada mais leve.

À minha professora orientadora, Lia, que sempre esteve comigo, me auxiliando em cada etapa desse processo. Seu grupo de estudos e pesquisas foi o espaço onde me descobri e encontrei as inquietações que me impulsionaram a pesquisar. Apesar das inseguranças ao lidar com novas abordagens, sua presença tornou o caminho mais leve e acolhedor. Sou imensamente grata por toda a orientação, apoio e confiança que me proporcionou.

À professora Sirlene, que tanto contribuiu para a minha formação. Agradeço pela dedicação ao ensinar e pelo apoio constante. Sua orientação e incentivo para nos tornarmos professores(as) pesquisadores(as) foram essenciais para o

desenvolvimento deste trabalho, e sou imensamente grata por tudo o que aprendi com você.

Agradeço também à diretora, que abriu as portas para a realização desta pesquisa, tornando possível a realização deste estudo, e a todas as professoras que participaram da pesquisa, por compartilharem suas experiências e contribuírem para a realização deste trabalho.

RESUMO

Com as constantes mudanças na cultura contemporânea, as professoras da educação infantil têm o seu mal-estar intensificado. Assim, a presente pesquisa tem como objetivo analisar de que forma as docentes da educação infantil expressam o seu mal-estar diante do seu ofício, perceber como ele se manifesta, identificar a sua relação com os desafios enfrentados e verificar de que maneira as docentes atuam no enfrentamento desse mal-estar. Trata-se de uma investigação de abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica e pesquisa de campo. O instrumento utilizado para coletar os dados foi entrevista semiestruturada realizada com 5 professoras de uma instituição de educação infantil situada em São Luís - MA. O embasamento teórico inclui as contribuições de Freud (2010) no que diz respeito ao conceito do mal-estar como um estado perturbador inerente à condição humana; Fanizzi (2023), com sua abordagem sobre o sofrimento docente; Guisso (2020), que explora as vivências das docentes no contexto da educação infantil. Concluiu-se que a cultura contemporânea, marcada por mudanças tecnológicas, educacionais e sociais, contribui diretamente para o mal-estar das professoras. A exposição excessiva a telas e a falta de tempo dos pais com os filhos têm levado a um aumento no estresse e na dificuldade em lidar com o comportamento das crianças. Portanto, a pesquisa se justifica pela necessidade de compreender os aspectos que contribuem para o mal-estar docente na educação infantil.

Palavras-chave: Mal-estar; docente; educação infantil.

ABSTRACT

With the constant changes in contemporary culture, early childhood education teachers experience intensified discomfort. Thus, this research aims to analyze how early childhood education teachers express their discomfort in relation to their profession, understand how it manifests, identify its relationship with the challenges they face, and examine how teachers act to cope with this discomfort. This is a qualitative investigation, involving a literature review and field research. The instrument used to collect data was a semi-structured interview conducted with 5 teachers from an early childhood education institution located in São Luís, MA. The theoretical framework includes contributions from Freud (2010) regarding the concept of discomfort as a disturbing state inherent to the human condition; Fanizzi (2023), with his approach to teacher suffering; and Guisso (2020), who explores the experiences of teachers in the context of early childhood education. It was concluded that contemporary culture, marked by technological, educational, and social changes, directly contributes to the discomfort of teachers. Excessive screen exposure and the lack of time parents spend with their children have led to increased stress and difficulty in managing children's behavior. Therefore, the research is justified by the need to understand the aspects that contribute to teacher discomfort in early childhood education.

Keywords: Malaise; teacher; early childhood education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Caminho Percorrido	11
2 AS RAÍZES DO MAL-ESTAR: uma perspectiva freudiana	15
2.1 Conhecendo as fontes de sofrimento	19
2.2 O mal-estar docente.....	21
3 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A SUA RELAÇÃO COM O MAL-ESTAR DOCENTE	29
3.1 A dualidade: o cuidar e o educar	32
3.2 Desafios enfrentados pelas docentes na educação infantil	35
4 MAL-ESTAR DOCENTE: o que dizem e fazem as professoras da educação infantil	43
4.1 Conhecendo as professoras.....	45
4.2 O mal-estar na voz das professoras.....	46
4.3 O mal-estar conjuntural.....	54
4.4 Sensações e sentimentos	58
4.5 Como se lida com esse mal-estar?.....	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	65
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	69
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	70
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	71
ANEXO B – CARTA DE APRESENTAÇÃO À ESCOLA	72

1 INTRODUÇÃO

A educação infantil desempenha um papel crucial no desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças em suas fases iniciais de formação. Nesse contexto, os(as) professores(as) que atuam nesse nível de ensino têm uma responsabilidade significativa para constituição psíquica dessas crianças. Kupfer e Lerner (2014, p. 221) relatam que: “Os professores nas creches são não apenas importantes para prover os cuidados físicos e cognitivos, mas desempenham um papel fundamental em seu desenvolvimento psíquico”.

Desse modo, ao lidar com a delicada tarefa de cuidar e educar as crianças em seus primeiros anos de vida, as(os) docentes se deparam com uma diversidade de demandas que vão desde a necessidade de fazer função estruturante no desenvolvimento psíquico até questões relacionadas à gestão da sala de aula, à adaptação de metodologias pedagógicas e ao estabelecimento de vínculos afetivos com as crianças e suas famílias.

A presente pesquisa justifica-se pela relevância de escutar o mal-estar vivenciado por professoras de educação infantil, a fim de compreender os aspectos que o potencializam. “A expressão mal-estar está presente na obra de Sigmund Freud 2010 (1856- 1939) para referir-se a um estado perturbador que aflige os seres humanos.” (Ferreira; Pereira, 2012, p. 4). Esse mal-estar docente se manifesta por meio de sintomas psicológicos e até mesmo físicos. Compreender o que aflige os(as) docentes na educação infantil é essencial para promover um ambiente de trabalho que reduza o mal-estar.

Este estudo teve início na disciplina de Pesquisa Educacional II, cursada na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), sob a orientação metodológica da professora responsável. Além disso, a investigação contou com o auxílio e os direcionamentos da orientadora deste trabalho, que desempenhou um papel fundamental ao longo do processo, contribuindo para o desenvolvimento do referencial teórico entre outros aspectos necessários. Fora do âmbito da disciplina, foi possível aprofundar aspectos que não puderam ser abordados integralmente durante as atividades em sala.

A motivação para pesquisar o mal-estar docente na educação infantil surgiu a partir da experiência prévia com essa etapa educacional, durante os estágios. Foi possível perceber que os(as) professores(as) assumem funções ainda mais

significativas, pois as crianças ainda não possuem total autonomia e estão compreendendo as normas sociais. Além disso os(as) docentes exercem a extensão das figuras parentais e lidam mais com os impulsos e com a questão emocional das crianças. É um segmento que exige mais dos profissionais, o que despertou o interesse em compreender o que contribui para o mal-estar das docentes, como esse mal-estar se manifesta diante dos desafios enfrentados e o que elas fazem com esse mal-estar.

Na obra *Sofrimento Docente* de Caroline Fanizzi (2023), é possível perceber o quanto os professores(as) sofrem com a precariedade material e simbólica em seu ofício. Assim como a docência pode trazer felicidade e satisfação para os(as) docentes também pode trazer angústia e sofrimento. A precariedade simbólica do trabalho docente se refere ao desprestígio da profissão na sociedade, isso inclui a falta de reconhecimento cultural, político e social. Por outro lado, a precariedade material do ofício docente está ligada a condições desafiadoras, isso se refere a falta de recursos no seu trabalho, superlotação das salas, sobrecarga de trabalho, baixos salários, falta de apoio da gestão e infraestrutura inadequada.

Ao refletir sobre o papel dos docentes na educação infantil, observa-se que esses profissionais são ainda mais desvalorizados, uma vez que não desempenham apenas funções pedagógicas, como nas demais etapas da educação, mas também possuem a responsabilidade de cuidar das crianças.

O cuidado, que tem sido desvalorizado por uma cultura que prega resultados imediatos, é frequentemente visto como uma tarefa de menor importância em comparação às atividades “cognitivas”. Entretanto, para a pediatra Emmi Pikler que desenvolveu uma abordagem para bebês e crianças pequenas, até o cuidado é um ato pedagógico. “O cuidar de forma afetiva e de qualidade oferecido pelo adulto, portanto, contribui diretamente para o desenvolvimento físico, psicomotor, psicossocial e cognitivo da criança pequena” (Soares; Dickel, 2020, p. 5).

Com as crescentes demandas, exigências e mudanças no mercado de trabalho, os(as) docentes estão cada vez mais atarefados(as) e exaustos(as) com suas rotinas, o que resulta em esgotamento físico e mental para essa classe. Como Araújo (2016, p. 19) cita: “Muitas vezes sem tempo para atualizar seus conhecimentos e aperfeiçoar seus estudos, para que possa oferecer um ensino de qualidade”. Dessa maneira, essa sobrecarga resulta em consequências adversas tanto para os(as)

professores(as), como para a qualidade do ensino e para o ambiente escolar como um todo.

Quando os(as) docentes enfrentam altos níveis de estresse, insatisfação profissional ou esgotamento, pode haver impactos negativos tanto em sua condição psíquica quanto em sua prática pedagógica. Assim, entende-se que ao escutar como as professoras da educação infantil da escola Aprender (nome fictício utilizado para manter o anonimato da instituição), situada em São Luís -MA, expressam o seu mal-estar, torna-se possível a compreensão dos possíveis impactos desses desafios nos seguintes aspectos: psíquicos, profissionais e sociais das docentes. Nesse sentido, a pergunta que orienta essa pesquisa é: de que forma as docentes de educação infantil da Instituição Aprender expressam o seu mal-estar diante do seu ofício?

Diante disso, a pesquisa é relevante porque permite dar voz às docentes da educação infantil, de modo a escutar como expressam seu mal-estar e, de modo mais específico, perceber como se manifesta e identificar a sua relação com os desafios que permeiam esse ofício. Além disso, verificar o que essas professoras têm feito diante de suas angústias.

1.1 Caminho Percorrido

A abordagem metodológica adotada nesta pesquisa é qualitativa, pois visa compreender um fenômeno. Para Lima (2012, p. 5), “A pesquisa qualitativa considera a complexidade e a variabilidade dos fenômenos humanos culturais”. Por esse motivo, a escolha dessa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender o mal-estar docente na educação infantil, sendo adequada para explorar as complexidades do tema e possibilitar a escuta das docentes.

Trata-se de uma pesquisa de campo com revisão bibliográfica que, a partir da teoria psicanalítica de Sigmund Freud, propõe-se a investigar as questões de subjetividade que permeiam o mal-estar docente. Nesse sentido, a escuta torna-se essencial para captar as subjetividades, ou seja, entender não só o que insufla esse mal-estar, mas também como ele é vivido e percebido pelas professoras, levando em conta suas experiências, sentimentos, percepções e reações.

A pesquisa de campo envolve a observação direta e o estudo dos eventos e fenômenos conforme eles acontecem, no lugar onde ocorrem. Os(As) pesquisadores(as) vão para o ambiente real onde os acontecimentos estão ocorrendo

para coletar dados e informações, em vez de depender apenas de fontes secundárias ou simulações (Assis, 2008). Diante disso, a pesquisa de campo teve como objetivo analisar de que forma as docentes de educação infantil expressam o seu mal-estar diante do seu ofício.

A revisão bibliográfica baseia-se na leitura detalhada e aprofundada de obras de teóricos e autores que estudam temas relacionados ao foco central da pesquisa. Essa etapa permite fundamentar teoricamente a pesquisa e trazer contribuições anteriores do conhecimento sobre o assunto (Tozoni-Reis, 2009). Para isso, foram realizadas buscas em livros e plataformas acadêmicas reconhecidas, como Google Acadêmico, SciELO e repositórios institucionais de Universidades. Essas plataformas foram escolhidas devido à sua relevância e diversidade de conteúdos acadêmicos, incluindo artigos científicos, dissertações e teses.

As palavras-chave utilizadas nas buscas foram: "mal-estar", "docente" e "educação infantil". Essas palavras foram selecionadas para direcionar a pesquisa aos temas mais pertinentes e possibilitar uma análise do tema. Dessa maneira, esta pesquisa está fundamentada em Freud (2010), Fanizzi (2023), Charlot (2020), Santos (2020), Abreu e Melo (2023). Com a revisão bibliográfica desses principais autores, será possível compreender o mal-estar na sociedade, do estrutural ao conjuntural.

O universo da pesquisa foi a Instituição Aprender (nome fictício utilizado para manter o anonimato da escola), uma escola de educação infantil localizada em São Luís do Maranhão. A escolha desta instituição justifica-se pela sua representatividade no contexto da pesquisa, por tratar-se de uma instituição dedicada a educação infantil e pelo contato prévio com a mesma. As participantes colaboradoras da pesquisa foram 5 docentes que atuam diretamente com as crianças na faixa etária da educação infantil na Instituição Aprender.

O instrumento de coleta de dados utilizado nesta investigação foi a entrevista semiestruturada (Apêndice A), realizada entre os dias 08 e 09 de agosto do ano de 2024. Vale ressaltar que foi realizada leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), como forma de garantia dos aspectos éticos da pesquisa, bem como foi explicado que seria mantido o anonimato das professoras.

Para Tozoni-Reis (2009), a entrevista é uma ferramenta amplamente utilizada na fase de coleta de dados da pesquisa qualitativa, especialmente durante o trabalho de campo. Seu principal objetivo é obter informações por meio da "fala" dos

participantes que serão entrevistados. Nos seus estudos o autor ainda explica ainda sobre a entrevista semiestruturada:

Na entrevista semiestruturada, as questões são apresentadas ao entrevistado de forma mais espontânea, seguindo sempre uma sequência mais livre, dependendo do rumo que toma o diálogo. Nesse tipo de entrevista, é recomendado que o pesquisador procure criar um clima espontâneo e descontraído que contribua para atingir os objetivos do estudo em questão (Tozoni-Reis, 2009, p.63).

Por meio desse instrumento, buscou-se escutar as experiências das professoras, percebendo como o mal-estar se manifesta nas docentes da educação infantil, identificando a relação desse mal-estar com os desafios da docência e como elas lidam com ele. Nesse contexto, as docentes tiveram a oportunidade de expressar suas vivências de forma mais livre e espontânea e trazer não somente aquilo que estava estabelecido no roteiro.

Em último plano, após a coleta de dados e informações por meio da entrevista semiestruturada, os dados foram analisados utilizando-se a técnica de análise de conteúdo. Durante essa técnica, as entrevistas são transcritas e submetidas a uma análise, identificando palavras-chave, conceitos recorrentes e elementos distintos nas respostas das docentes. Tozoni-Reis (2009) diz que o seu objetivo é compreender a comunicação em suas diversas formas, que no caso da presente pesquisa foi pela comunicação oral. A partir dessas análises, foram elaboradas interpretações e conclusões que contribuíram para responder à problemática da pesquisa e alcançar os objetivos propostos. Para Gil (2006, p. 185):

A análise consiste na organização e sumarização dos dados obtidos na pesquisa, que fornecem respostas ao problema investigado. A interpretação, por sua vez, tem o propósito de fazer a ligação das informações com outros conhecimentos previamente obtidos, que devem ser separados em seus aspectos básicos e submetidos a uma reflexão.

Portanto, a metodologia proposta aborda de forma detalhada os procedimentos que foram adotados para a realização desta pesquisa sobre o mal-estar docente na educação infantil.

Este trabalho monográfico está organizado em 5 seções que visam trazer uma ordem lógica e coerente sobre o mal-estar docente na educação infantil. Inicialmente, na seção de Introdução, são apresentados o objeto, os objetivos, o problema que norteia esta pesquisa, posteriormente vem o “Caminho percorrido”, que oferece uma análise detalhada da metodologia que foi adotada, incluindo revisão bibliográfica, universo da pesquisa, participantes e coleta e análise de dados.

Em seguida prossegue-se para a segunda sessão, “As raízes do mal-estar: uma perspectiva freudiana”, nela é apresentada um pouco da teoria de Sigmund Freud sobre mal-estar na cultura, logo após afunilando para o mal-estar docente. Na seção seguinte, intitulada “A educação infantil e a sua relação com o mal-estar docente”, examina-se a interseção entre o cuidar e o educar na prática pedagógica das professoras de educação infantil, identificamos e analisamos os desafios específicos enfrentados por esses(as) profissionais.

Seguindo adiante, em “Mal-estar docente: o que dizem e fazem as professoras da educação infantil”, são expostas as percepções e práticas das professoras participantes da pesquisa, frente ao mal-estar docente, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas. E por fim, finaliza-se com as “Considerações finais” que sintetizam os principais achados e reflexões deste estudo.

2 AS RAÍZES DO MAL-ESTAR: uma perspectiva freudiana

Nesta seção, serão exploradas as raízes do mal-estar a partir da perspectiva freudiana, buscando compreender como a dificuldade em lidar com as exigências da vida em sociedade gera conflitos internos e sintomas psíquicos. O primeiro subcapítulo dedica-se a identificar e analisar as principais fontes de sofrimento segundo Freud. No segundo subcapítulo, o foco será no mal-estar específico enfrentado pelos docentes na atualidade.

O objetivo é trazer a visão de Freud (2010) e de alguns autores, tais como: Santos (2020), Aranda (2023), Fanizzi (2023), Ferreira e Pereira (2012), Araújo (2016), Souza (2021), para entender o mal-estar e o sofrimento docente na contemporaneidade e destacar como as pressões civilizatórias contribuem para o mal-estar e o sofrimento. Dessa forma, ao longo desta seção, objetiva-se ilustrar alguns aspectos, como o aumento das demandas profissionais e a desvalorização simbólica do trabalho docente, os quais exacerbam o mal-estar e levam ao sofrimento muitos educadores.

O termo "mal-estar" é utilizado amplamente para descrever um estado de desconforto físico, emocional ou mental. Ele pode se manifestar de várias maneiras e pode ser causado por uma variedade de fatores, como doença, estresse, preocupações, conflitos emocionais e desconforto físico.

Porém, o mal-estar que Freud explica em seus estudos, refere-se a um mal-estar psicológico. O mal-estar mencionado por Sigmund Freud diz respeito à sensação de desconforto e descontentamento que surge devido à tensão entre os desejos e impulsos individuais de uma pessoa e as demandas da sociedade em que vivem (Santos, 2020, p. 9). Dessa forma, o mal-estar surge devido à civilização, à cultura e às regras impostas pela sociedade, o que impede o indivíduo de alcançar sua satisfação pulsional. “Logo, nossas possibilidades de felicidade são restringidas por nossa constituição” (Freud, 2010, p. 21).

A tentativa de adequação individual às regras sociais causa sofrimento na medida em que é necessário renunciar a uma parcela de satisfação em benefício de um bem almejado para o grupo, de modo que, para atender as normas sociais, o homem passa a se autorregular, sendo, muitas vezes, o próprio agente de sua castração (Santos, 2020, p. 4).

Assim, viver em sociedade exige renúncias para uma convivência harmoniosa. A adequação às normas sociais é um processo contínuo e complexo. O referido processo de autorregulação é um dos pilares da convivência social, mas também é uma fonte constante de tensão e sofrimento. A renúncia de satisfação pessoal em prol da coletividade pode gerar frustrações e sentimentos de inadequação, o mal-estar.

Segundo Santos (2020), o estado civilizado da sociedade, tem dois propósitos principais: proteger as pessoas das forças da natureza e regular as relações sociais entre os indivíduos. Por um lado, as ações desenvolvidas pela civilização ajudam a diminuir os perigos naturais e proporcionam segurança. Por outro lado, as normas e leis estabelecem um ordenamento nas interações entre os indivíduos, buscando minimizar conflitos e promover uma relação harmoniosa. Freud vê esses objetivos como essenciais, porém também como fontes potenciais de mal-estar, uma vez que a civilização exige sacrifícios e repressões individuais para alcançar esses fins coletivos.

Freud (2010, p. 55) afirma que “O homem civilizado trocou uma parcela de felicidade por uma parcela de segurança”. A partir dessa afirmação, é possível inferir que o processo de civilização implica compromissos inevitáveis em prol da segurança e da ordem social. Para tanto, os indivíduos precisam reprimir parte de seus impulsos naturais, o que pode resultar em uma redução da felicidade pessoal.

A crítica freudiana à civilização não pode ser levada ao extremismo. O psicanalista reconhece as benfeitorias da civilização para a humanidade e determina que, ao criticar o modelo de civilização, não se pode considerá-lo como um “inimigo da civilização” (Santos, 2020, p. 5).

Nesse sentido, o mal-estar configura-se como um sentimento de desconforto, insatisfação, culpa e angústia. Ao longo da vida, encontram-se diversos desafios, decepções, pressões, medos e uma série de fatores que abalam as expectativas. Portanto, o mal-estar é inerente à vida humana, sendo experimentado por todos, uma vez que se vive em sociedade. A sociedade, que por sua vez, possui uma cultura que constantemente impõe normas, expectativas e valores, os quais frequentemente entram em conflito com os desejos e necessidades individuais.

O mal-estar também pode ser manifestado pela falha no processo civilizatório, conforme defende Santos (2020). A partir do momento em que se observa, nos noticiários, o aumento da violência e da criminalidade, a ausência de segurança para os cidadãos pode gerar um significativo desconforto psicológico. No contexto do

processo civilizatório, é possível destacar a falha da educação, uma vez que esta tem como função promover as inscrições necessárias para a vida em sociedade. No entanto, em determinados momentos, a educação parece não cumprir plenamente sua missão. Assim, a educação tem como objetivo recalcar os impulsos primitivos do ser humano, de modo a possibilitar a convivência em coletividade. Charlot (2020, p. 31) relata em sua obra *Educação ou Barbárie* que:

A educação tem por objetivo extirpar do homem o que o atrai para a animalidade e atualizar nele o que define sua mais alta vocação: essa é a ideia que, sob as diversas formas históricas, estruturou o discurso sobre a educação durante séculos, pelos menos no mundo ocidental. A educação é assim concebida como atualização da essência humana, universal e atemporal, luta contra tudo o que degrada o homem em animal, contra todas as formas de corrupção de seu Espírito, de sua Alma e de sua Razão.

O autor considera a educação mais do que um simples processo de transmissão de conhecimentos. Trata-se de um esforço contínuo para inserir as novas gerações na ordem humana e, assim, integrá-las à sociedade. De modo que possam superar seus impulsos primitivos e desenvolver suas capacidades racionais e espirituais. Dessa forma, quando a educação não cumpre sua missão, as consequências se tornam evidentes, como afirma Santos (2020).

Em segundo plano, na mesma medida em que o mal-estar é estrutural, ou seja, faz parte do ser humano, ele é também conjuntural, variando conforme o contexto cultural do sujeito. Ao longo dos anos, as culturas se transformam em resposta a mudanças sociais, econômicas e tecnológicas, o que leva à modificação dos fatores que geram mal-estar. Assim, os indivíduos são constantemente expostos a novos valores, expectativas e desafios que moldam suas experiências e, conseqüentemente, suas vivências de mal-estar.

Por fazer parte desse processo, o mal-estar torna-se um fenômeno complexo e atrelado à conjuntura sócio-histórica. Portanto, gostaria de afirmar que trabalho na perspectiva de que, embora o fenômeno do mal-estar tenha dimensões individuais, ele é um fenômeno cultural e sócio-histórico e, portanto, enfrenta transformações oriundas da mudança que a sociedade atravessa (Aranda, 2023, p. 15).

Comentando sobre o mal-estar conjuntural, Aranda (2023) destaca que a sociedade contemporânea leva o sujeito a sentir-se insuficiente e insatisfeito, fazendo com que experimente elevados níveis de frustração e culpa. Quando os indivíduos não conseguem alcançar os objetivos supostamente atingíveis por meio do esforço individual, frequentemente sentem-se culpados. Esse cenário está diretamente

associado ao discurso meritocrático propagado pela sociedade, o qual afirma que o sucesso é resultado exclusivo do mérito pessoal, negligenciando os fatores externos e estruturais que também exercem influência sobre os resultados alcançados. Bauman (2001, p. 43) menciona que:

Se ficam doentes, supõe-se que foi porque não foram suficientemente decididos e industriais para seguir seus tratamentos; se ficam desempregados, foi porque não aprenderam a passar por uma entrevista, ou porque não se esforçaram o suficiente para encontrar trabalho, ou por que são, pura e simplesmente, avessos ao trabalho; se não estão seguros sobre as perspectivas de carreira e se agoniam sobre o futuro, é porque não são suficientemente bons em fazer amigos e influenciar pessoas e deixaram de aprender e dominar, como deveriam, as artes da auto-expressão e da impressão que causam.

Assim, fica evidente que, segundo essa perspectiva, tudo depende exclusivamente do esforço pessoal, cabendo à sociedade responsabilizar o indivíduo por cada tentativa ou falha. Nesse contexto, o ideal de que "tudo é possível" por meio do esforço individual reforça sentimentos de culpa e insatisfação quando os objetivos não são alcançados. Dessa forma, os problemas e dificuldades pessoais são interpretados como falhas individuais, o que perpetua um constante sentimento de mal-estar. Portanto, para Freud, o mal-estar configura-se como um fenômeno inevitável, experimentado por todos em decorrência da natureza intrínseca da vida em sociedade. Fanizzi (2023, p. 116) cita Freud em sua obra:

O mal-estar na civilização, consiste naquele experimentado por todos os seres que vivem na cultura. Ainda que distintas culturas possam conduzir diferentes formas de expressão do mal-estar, não há como contorná-lo; o mal-estar faz parte da noção mesma de cultura. E uma vez que não há sujeito sem o social, tampouco o seu inverso, resta aos sujeitos o desafio de encontrarem formas de se haver com esse mal-estar.

Portanto, embora diferentes culturas possam manifestar esse mal-estar de várias maneiras, ele é um componente inevitável da vida cultural. As diferentes culturas possuem o seu mal-estar. Os sujeitos estão sempre precisando negociar suas identidades e comportamentos em relação às expectativas sociais. Dessa maneira, a tensão entre as necessidades individuais e as demandas coletivas é uma característica inerente à vida em sociedade.

O mal-estar pode ser manifestado por meio de diversos sintomas psíquicos, que incluem ansiedade, depressão, síndrome do pânico e síndrome de *burnout* entre muitos outros. Essas manifestações frequentemente refletem conflitos internos e dificuldades em lidar com as exigências da vida. Quanto maiores forem as exigências

civilizatórias sobre o sujeito, maior será o seu mal-estar em relação ao mundo, resultando em sofrimento (Freud, 2010).

Esse estado de mal-estar pode impactar a saúde mental do sujeito, bem como sua qualidade de vida e sua capacidade de se engajar plenamente nas atividades cotidianas. Em síntese, para Freud, o mal-estar é uma condição inerente à experiência humana e à vida em sociedade, pois, resulta inevitavelmente da necessidade de reprimir impulsos e controlar desejos para garantir a convivência coletiva.

2.1 Conhecendo as fontes de sofrimento

Freud (2010) destaca que o sofrimento é mais facilmente vivenciado do que a felicidade. O teórico afirma que, embora os indivíduos busquem a felicidade ao longo de suas vidas, acabam por experimentar mais o sofrimento do que a própria felicidade almejada, uma vez que o sofrimento está intrinsecamente ligado à estrutura psíquica do sujeito. A felicidade, por sua vez, torna-se um estado de difícil alcance, pois demanda um equilíbrio entre os conflitos decorrentes das instâncias do *id*, *ego* e *superego*. Tais conflitos internos, no entanto, nem sempre são de fácil resolução.

Um dos componentes fundamentais da psique é o *id*, que representa os impulsos primitivos e os desejos. O *ego* é responsável por mediar esses impulsos dentro das exigências morais do *superego*. Ou seja, o *ego* busca satisfazer os impulsos do *id* dentro dos limites impostos pelo *superego*. O *superego*, por sua vez é a parte da mente que incorpora as exigências e regras da sociedade, ele atua como um juiz que impõe comportamentos adequados a convivência com outros indivíduos. Segundo Freud (2010, p. 24):

O sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos. O sofrimento que se origina desta fonte nós experimentamos talvez mais dolorosamente que qualquer outro; tendemos a considerá-lo um acréscimo um tanto supérfluo, ainda que possa ser tão faticamente inevitável quanto o sofrimento de outra origem.

Dessa forma, constata-se que os indivíduos estão, de fato, constantemente ameaçados pelo sofrimento. Quando o teórico afirma que estão ameaçados pelo próprio corpo, refere-se à vulnerabilidade inerente ao corpo humano, que está sujeito ao declínio ao longo do tempo, incluindo doenças e o processo de envelhecimento, os

quais podem resultar em dores físicas e limitações. Por sua vez, ao mencionar que estão ameaçados pelo mundo externo, Freud alude a catástrofes naturais ou eventos incontroláveis, capazes de provocar sofrimento e destruição.

Por fim, ao referir-se às relações com outros seres humanos, Freud destaca que essas relações constituem uma fonte significativa de sofrimento, marcada por conflitos, traições e decepções. O sofrimento proveniente dessa última fonte é, talvez, o mais intenso e impactante na vida humana. Como afirma o teórico: “A vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar paliativos” (Freud, 2010, p. 22).

Diante dessas fontes, como podemos agir contra o sofrimento? Freud (2010) assegura que, para reduzir parte do sofrimento, é necessário agir sobre os impulsos, ou seja, satisfazer desejos dentro das possibilidades oferecidas pela sociedade. Negar ou reprimir esses impulsos pode gerar conflitos internos e intensificar o sofrimento. Uma das técnicas citadas por Freud é a sublimação, que ocorre quando esses impulsos são direcionados para atividades socialmente aceitáveis e produtivas. Dessa forma, é possível encontrar satisfação e alegria nas atividades para as quais se escolhe direcionar esses impulsos. O autor pontua que:

Mas os métodos mais interessantes para prevenir o sofrimento são aqueles que tentam influir no próprio organismo. Pois todo sofrimento é apenas sensação, existe somente na medida em que o sentimos, e nós o sentimos em virtude de certos arranjos de nosso organismo (Freud, 2010, p. 22).

Freud destaca a importância da prevenção do sofrimento, uma vez que este constitui uma sensação percebida pelo organismo. Dessa forma, é possível compreender e influenciar os pensamentos, modificar determinados hábitos e reações, o que permite lidar de maneira mais equilibrada com as adversidades da vida. Na sua obra *O mal-estar na civilização* expõe que:

Do mesmo modo que a satisfação de instintos é felicidade, torna-se causa de muito sofrer se o mundo exterior nos deixa à míngua, recusando-se a nos saciar as carências. Então é possível esperar que, agindo sobre esses impulsos instintuais, fiquemos livres de uma parte do sofrer (Freud, 2010, p. 26).

Ainda segundo Freud, como não é possível eliminar todo o sofrimento, é viável suprimir parte dele e minimizar outra parte. Diante disso, percebe-se que o sofrimento está presente em diversos aspectos da existência e, embora seja inerente à condição humana, pode ser atenuado de alguma forma. É possível eliminar determinadas causas de sofrimento e mitigar outras, contribuindo para tornar a vida mais suportável

2.2 O mal-estar docente

Como Freud (2010) já explicava sobre o mal-estar e o sofrimento, os quais são inerentes à condição humana, percebe-se, inclusive, que no contexto da educação tem-se tornado um assunto de grande relevância, especialmente na docência. Santos (2020, p. 2) aborda o mal-estar na educação:

Esse sentimento de mal-estar está presente de forma muito peculiar nos contextos escolares. Não é incomum, ao presenciar uma conversa formal ou informal entre professores, ouvirmos o descontentamento e as queixas relacionadas ao exercício do magistério, queixas relacionadas à indisciplina dos alunos, violência escolar, desvalorização profissional, perda de autoridade do professor, além de outras. São queixas que denunciam o desconforto, o sofrimento e a angústia que podem caracterizar uma espécie de crise no ambiente escolar, marcada pelo sentimento de um mal-estar.

Além disso, o autor descreve em sua obra o que é esse mal-estar, afirmando que no contexto educacional, esse termo é frequentemente utilizado para descrever qualquer tipo de manifestação negativa que impacta os(as) professores(as), incluindo aspectos físicos, emocionais, econômicos e sociais. A cada dia torna-se mais comum a discussão sobre “a educação e os seus desafios”. O ofício docente constitui uma profissão complexa e desafiadora em todos os âmbitos e, como é amplamente conhecido, trata-se de uma ocupação frequentemente desvalorizada.

Nossa perspectiva considera o mal-estar como algo inerente à constituição do sujeito social, e, assim, como consequência, inerente à experiência de profissionais da Educação. No entanto, conceber o mal-estar como algo intrínseco à condição humana (Santos, 2020, p. 10).

Dessa forma, o mal-estar docente pode ser compreendido como um reflexo dos conflitos internos e externos vivenciados no exercício da profissão. Entre os conflitos internos, destaca-se a tensão entre os desejos dos professores e as exigências da realidade escolar, frequentemente marcada por desafios que dificultam a realização plena de suas aspirações.

Por outro lado, os conflitos externos estão relacionados às pressões institucionais, como currículos rígidos, avaliações constantes, e burocracias administrativas, baixos salários, condições de trabalho e a pressão por resultados. Além disso, os professores enfrentam expectativas elevadas da sociedade, bem como a necessidade de lidar com a diversidade de necessidades educacionais dos alunos. Todos os aspectos citados, incluindo estes, desvalorização profissional e a falta de

reconhecimento exacerbam esse mal-estar, levando a uma sensação de esgotamento e frustração.

Diante do exposto, o mal-estar docente pode ser compreendido como um conjunto de sintomas manifestados pelos professores, tais como: estresse, desânimo, angústia, culpa, ansiedade, depressão, síndrome de *burnout*, exaustão mental e física. Esses sintomas não surgem isoladamente, mas são resultado de uma combinação complexa de fatores internos e externos que impactam tanto a saúde mental, quanto a vida profissional e pessoal dos professores(as). Araújo (2016, p. 22) declara que “O termo mal-estar docente está vinculado ao estresse contínuo causado pela insatisfação no ambiente de trabalho e a falta de reconhecimento que culmina na apatia diante do trabalho”.

Fanizzi (2023, p. 16) enfatiza que: “As pessoas, de modo geral, estão cientes e concordam com o fato de que os professores sofrem em seu ofício”. Essa perspectiva evidencia que o sofrimento docente não é percebido apenas por quem o vivência, mas também por aqueles que o observam de fora. Apesar de seu papel ser essencial na organização e transformação da sociedade, os professores, especialmente os da educação básica, frequentemente enfrentam desafios e adversidades sem o devido reconhecimento.

Ao analisar a condição psíquica dos(as) docentes no âmbito social contemporâneo, é relevante abordar o adoecimento desses profissionais, que, em muitos casos, são afastados de suas funções por não possuírem mais condições psicológicas para atuar em sala de aula ou em suas respectivas salas de referência. Muitos são acometidos por ansiedade, síndrome do pânico, depressão e síndrome de *burnout*. Araújo (2016, p. 23) contribui com a seguinte afirmação:

A síndrome de burnout em tradução livre significa “fritou”, conhecida também como síndrome do esgotamento profissional, em que os professores são vítimas em potencial, pois a cada dia lhes é exigido pelo mercado de trabalho mais qualificação, mais dedicação e principalmente que esteja conectado as novas tecnologias e suas inovações, pois com o advento da modernidade é preciso fazer uso das tecnologias para planejamentos de aulas e principalmente oferecer aos alunos mais uma ferramenta para pesquisas de conhecimentos “online”.

De acordo com essa perspectiva, à medida que a sociedade se torna cada vez mais exigente, o mercado de trabalho também impõe novas demandas aos profissionais. No caso dos(as) professores(as), observa-se uma carga de trabalho crescente, resultando em estados de cansaço extremo e esgotamento físico e mental. Além disso, concordamos com Araújo (2016, p. 25) quando ele menciona que:

Uma das características inerentes aos indivíduos da modernidade é o desejo de serem os melhores no que fazem, medindo sua auto-estima de acordo com o desempenho com o qual conseguem realizar seus objetivos, uma vez, não realizado esse desempenho a frustração tem proporções muito intensas, levando ao mal estar diante da profissão, ocasionando problemas psicológicos, desgaste físico, causando fadiga e exaustão, levando os profissionais da educação ao afastamento de suas atividades por longos períodos. Esse afastamento é o momento em que o professor precisa para buscar seu “Eu”, e um significado para sua vida pessoal e profissional que ficou perdido em algum momento da caminhada em busca da perfeição em sua profissão.

O mal-estar, segundo Freud (2010), pode ser intensificado ou atenuado a partir da cultura. A cultura contemporânea, por sua vez, impõe o desejo de ser “melhor” e a busca pela “perfeição”. Na tentativa de alcançar esses ideais, o indivíduo frequentemente experimenta frustração ao não atingir seus objetivos ou se esgota ao dedicar-se completamente em busca de reconhecimento social e sucesso. Esse processo, no entanto, gera um elevado custo psicológico, manifestando-se em sentimentos de exaustão, estresse e angústia. “O mal-estar docente leva a um estresse crônico que culmina no que chamamos na contemporaneidade de síndrome de Burnout” (Araújo, 2016, p. 22). Souza (2021, p. 44) ressalta sobre o aumento das exigências sobre os(as) docentes:

A escola e o professor, especificamente, sem negligenciar sua função, que é a de promover a aprendizagem dos alunos, recebem cada vez mais a pressão para assumir atribuições sociais e assistenciais anteriormente adotadas por outras instituições, a exemplo de igrejas, associações culturais e família. Nessa perspectiva, infundir nas crianças noções de educação alimentar, sexual, ambiental, para o consumo e para a cidadania, nos dias atuais, é ambigualmente responsabilidade da escola e dos professores.

Com o passar do tempo, as exigências sociais intensificam-se, e observa-se uma evolução significativa no papel do(a) professor(a). Paralelamente a essas demandas, surgem pressões para que tais responsabilidades sejam cumpridas de maneira eficiente. As instituições de ensino, por sua vez, são frequentemente cobradas a integrar novas áreas em seus currículos, o que resulta em um acúmulo progressivo de funções e responsabilidades para os profissionais da docência. Portanto, a sobrecarga sobre muitos professores pode levar ao adoecimento psíquico. “O mal-estar docente leva a um estresse crônico que culmina no que chamamos na contemporaneidade de síndrome de Burnout” (Araújo, 2016, p. 22). As contribuições de Souza (2021, p. 51) afirmam o que já foi dito por Araújo:

O professor, como ser humano incluído no sistema de ensino, que exige nova dinâmica de adaptação, se sente inseguro e, às vezes, impotente diante das crescentes exigências da profissão e da necessidade de ressignificar a práxis. Alguns aspectos devem ser considerados quando se trata do novo

papel do professor que, às vezes, assume o papel de agente moral e, em outros momentos, é responsável pela instrução dos alunos.

O *superego*, que representa a internalização das normas, valores e expectativas da sociedade, exerce uma pressão constante sobre os(as) professores. Ele é o responsável por sentimentos de culpa e autojulgamento quando os indivíduos não conseguem atender às expectativas sociais. Para os(as) professores(as), isso pode significar sentir-se constantemente inadequado, culpado ou insuficiente em seu desempenho profissional, mesmo quando estão se esforçando ao máximo.

Em vista disso, há uma cobrança tanto externa quanto interna sobre os(as) docentes na cultura, a partir do momento em que é exigida diversas tarefas e funções à essa classe de profissionais. Consequentemente essas tarefas e funções serão internalizadas no seu *superego*, que passa a exigir do sujeito diariamente a realização das determinadas tarefas com perfeição, tendo em vista que a perfeição é um pré-requisito na cultura.

Desse modo, quando o sujeito não consegue realizar uma tarefa do jeito que lhe foi imposta, ele experimenta o sentimento de culpa, de insatisfação, angústia, pois seu *superego* internalizou as exigências e cobranças do seu ofício. Freud (2010, p. 75) afirma que “O Super-eu da cultura, exatamente como o do indivíduo, institui severas exigências ideais, cujo não cumprimento é punido mediante angústia de consciência”.

Fanizzi (2023) questiona sobre qual é o lugar da docência no imaginário social, visto que o(a) professor(a) tem um papel e uma responsabilidade muito grande na sociedade, que é de educar e transmitir conhecimento para as novas gerações que estão se formando. Porém, embora a educação seja reconhecida como importante e necessária para a nossa convivência em sociedade, os professores não são necessariamente valorizados da mesma forma e o lugar que ocupam no imaginário social agudiza o mal-estar desses agentes da educação. Como também relatam Ferreira e Pereira (2012, p. 7): “É característico do trabalho do professor a ambivalência de ser demandada de sua atividade uma grande responsabilidade que convive com uma intensa desvalorização de sua atuação ante a sociedade atual”. Souza (2021, p. 45) declara:

[...] o professor deixou de ter o papel central na educação, já que o aluno se tornou o sujeito central e ativo da sua aprendizagem, a sociedade passa a exigir que o professor, como mediador, auxilie o aluno no processo de construção do conhecimento, devendo, dessa forma adotar determinadas

atitudes, hoje traduzidas por alguns pesquisadores como novas competências, frente ao seu trabalho. Assim, de acordo com o autor supracitado, o fato de o professor não mais ser o centro do processo de aprendizagem alterou o status social do docente e requer um processo de formação inicial e continuada que considere o novo papel a ser desempenhado pelos professores.

Em sua obra, o autor afirma que um dos motivos da desvalorização dos(as) profissionais da educação tem como consequência as transformações na educação, visto que outrora o professor era o centro do processo e atualmente quem assume esse centro é o aluno/criança. O aluno/criança é agora visto como o sujeito central e ativo da sua própria aprendizagem. Isso significa que o aluno/criança não é mais apenas um receptor passivo de informações, mas alguém que constrói seu próprio conhecimento através da interação, experimentação e descoberta. Nesse novo contexto, o papel do professor mudou de um transmissor de conhecimento para um mediador que auxilia as crianças em seu processo de construção de conhecimento.

Em segundo plano, é possível citar o advento da revolução industrial como um causador de grande impacto na educação, visto que fez com que o ensino fosse voltado para a indústria, dessa maneira, o ensino teria que atender os interesses da indústria. Araújo (2016) alega que a indústria aderiu aos pressupostos do Taylorismo, consequentemente as escolas tiveram que seguir a mesma lógica. O autor menciona que “As escolas logo buscaram se adequar às mudanças propostas pela nova ordem” (Araújo, 2016, p.12).

Carlotto (2002), ao estudar a Síndrome de *Burnout* e o trabalho docente, cita a obra de Enguita (1989), quando analisa a nova organização do trabalho, destacando que algumas delas foram formuladas especificamente para professores. São elas:

- 1) desenvolver métodos eficazes a serem seguidos pelos professores; 2) determinar, em função disso, qualificações necessárias para o exercício da atividade; 3) capacitá-los em consonância com as qualificações, ou colocar requisitos de acesso; 4) fornecer formação permanente que mantivesse o professor à altura de suas tarefas durante sua permanência na instituição; 5) dar-lhe instruções detalhadas sobre como realizar seu trabalho; e 6) controlar permanentemente o fluxo do “produto parcialmente desenvolvido”, isto é, o aluno (Enguita, 1989 apud Carlotto 2002, p. 22).

Torna-se possível dizer que o ensino tecnicista contribuiu para a precarização simbólica do ofício docente. O ensino tecnicista trouxe um “Discurso de grande abrangência e dominância no campo educativo brasileiro, que impõe uma série de constrangimentos e limitações à ação e à enunciação docente” (Fanizzi, 2023, p. 38).

A docência passou a ser um ofício que não exige uma especificidade, mas sim algo mecânico, tendo em vista que a profissão parece não exigir mais as qualidades únicas e especializadas que os bons educadores(as) possuem. “Ao ensino bastaria um bom conjunto de materiais e métodos e um aplicador apto que se comporte adequadamente” (Fanizzi, 2023, p. 95). Essa ideia ignora a complexidade do ensino, que vai muito além da simples transmissão de conhecimento.

Com o esse discurso o(a) professor(a) passa a ser visto como um mero transmissor de informações, pois ele precisa utilizar técnicas e métodos padronizados com foco em testes também padronizados. De certa forma, esse discurso anula a autonomia dos docentes em sala para trabalhar de acordo com as necessidades dos alunos, das crianças, o que muitas vezes gera um sentimento de insatisfação em seu ofício. Araújo (2016, p. 13) em sua pesquisa soma sobre as mudanças ocorridas:

Podemos notar que as mudanças propostas pelo Taylorismo tiram os privilégios e a autonomia que até então os professores tinham, todo o processo de educação passa a ser controlado pelo estado para que o resultado atinja seu objetivo, que é a educação profissionalizante voltada para a indústria crescente.

Fanizzi (2023) em seu livro *Sofrimento Docente*, cita a autora Lice (1928). A sua obra “*O calvário de uma professora*”, expressa a falta de autonomia em sua classe, excesso de funções e angústia ao se ver transformada em uma máquina e a normas de programas. Essa ausência de autonomia é percebida pela execução de tarefas previamente estabelecidas, os profissionais da educação estão ali para cumprir determinadas tarefas e nada a mais. “Nada se espera dele, nada além do previsto, daquilo que consta no contrato” (Fanizzi, 2023, p. 90).

O professor, ao mesmo tempo em que se sente desprovido de autoridade, também se vê pressionado a obter bons resultados dos alunos, uma vez que será cobrado pelo desempenho de cada um. Nesse contexto, sua prática precisa ser justificada por meio de crescimento, resultados e desempenho (Masschelein; Simons, 2018).

Portanto, o mal-estar dos(as) docentes não se limita somente à precariedade material, mas também com à precariedade simbólica que contorna a sua prática, tornando o ambiente mais difícil para exercer suas funções. Essa precariedade traz desconfortos, angústias e sofrimento, pois aqueles que educam, vêm-se sem autonomia e autoridade para agir em sua profissão. Araújo (2016, p. 19) menciona que:

Essa realidade desmotiva o profissional da educação de forma significativa, tornando seu trabalho precário, quando sabemos que um profissional que tem seu trabalho reconhecido, valorizado, se sente motivado a aperfeiçoar cada vez mais seus conhecimentos para passá-lo adiante da melhor forma possível, atingindo assim o objetivo formar sujeitos sociais atuantes, pensantes, críticos e ávidos na busca de mais conhecimentos.

Araujo, Oliveira e Costa (2019) afirmam que a desvalorização, embora de caráter econômico, passa também a ter um caráter social. Primeiramente, a desvalorização econômica é manifestada principalmente por meio dos baixos salários que não afetam apenas os próprios professores, mas também suas famílias. Essa situação força muitos docentes a buscarem duplas jornadas ou empregos adicionais para complementar sua renda, o que pode levar ao esgotamento e reduzir a qualidade do ensino que eles conseguem oferecer. Logo, a desvalorização econômica resulta em desvalorização social, visto que as outras profissões de áreas mais bem remuneradas, como médicos, advogados e engenheiros são muito mais respeitadas e valorizadas na sociedade.

Por outro lado, o ato de educar por si só insufla o mal-estar docente. Freud (2010) apontou a educação como algo impossível, pois a educação busca regular o comportamento dos sujeitos de acordo com a lei, com a cultura e as normas da sociedade, porém a educação não dá conta de realizar esse ofício de uma maneira completa, visto que as pulsões e desejos dos indivíduos não podem ser totalmente regulados ou reprimidos. Santos (2020, p. 139) alega:

Se os indivíduos continuam movidos pela pulsão no jogo de forças entre as instâncias psíquicas, é natural que esse processo de regulação fracasse algumas vezes. Assim sendo, o objetivo educacional nunca é completamente alcançado, porque não se consegue regular e interditar tudo, e a todo momento, da forma como propõe o ideal social. O próprio Freud já havia elegido a Educação como uma das profissões do impossível, junto ao ato de analisar e governar. Educar, do modo como os ideais sociais propõem, nunca é totalmente possível, pois não se regula, nem se reprime, sem que haja restos.

O autor expõe que esse é um dos motivos de mal-estar dos(as) docentes. Seria o sentimento de falha em sua profissão, de fracasso, quando os alunos agem com violência com eles, com outros alunos, pela ausência de ordem, ou seja, quando os alunos manifestam seus impulsos hostis. Diante dessa situação, professores(as) se sentem angustiados(as), pois sentem que falharam no processo de regulação social, na missão de educar.

Disso depreendemos que os professores sofrem mal-estar por reprimir impulsos, por desejar manifestar, sofrem quando aqueles que deveriam reprimir não o fazem, ou seja, há um cunho de sofrimento oriundo do cimento do convívio social, que requer a regulação e a repressão do outro, pois sem

isso sua segurança na vida comunitária fica ameaçada. Se o educador é alvo de impulsos hostis, sua autoridade é questionada, não encontra o reconhecimento esperado na profissão, não vê sentido no magistério. Em todos esses impasses temos razões para o mal-estar docente (Santos, 2020, p. 144).

Parte do papel do professor é regular o comportamento dos alunos, reprimindo impulsos que não são aceitáveis no ambiente escolar e em geral, na sociedade, além de já ter que reprimir seus próprios impulsos. Os agentes da educação ao terem que constantemente equilibrar suas próprias pulsões e as dos alunos, vivenciam esse mal-estar de forma intensificada. Eles se veem na posição de agentes da civilização, responsáveis por impor essas restrições, mas também são indivíduos sujeitos às mesmas pressões e conflitos internos. Para Martinez (2010, p. 2):

A relação com Outros – com o Outro – é a maior fonte de sofrimentos que se expressam com a forma de mal-estar. Quando não se pode resolver por mecanismos de sublimação e/ou criativos, produz-se a formação de sintomas. Ansiedade, irritabilidade, insônia.

Em suma, além dos professores(as) experimentarem o mal-estar, que também é causado pela impossibilidade de educar, passam a ser também os agentes que podem causar mal-estar nos alunos ao exercerem a repressão dos impulsos e a imposição de normas sociais. Logo, os papéis dos agentes da educação apresentam uma dualidade de serem regulados e reguladores, podendo ambos lhe causar mal-estar.

A próxima sessão relacionará o mal-estar docente aos desafios da educação infantil. Para isso, serão apresentadas informações sobre essa etapa educativa. Além disso, discutiram-se os desafios enfrentados pelas educadoras. O objetivo é compreender como as condições de trabalho, as relações com crianças e famílias, a valorização profissional e as demandas pedagógicas impactam a condição psíquica das professoras.

3 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A SUA RELAÇÃO COM O MAL-ESTAR DOCENTE

O mal-estar docente na educação infantil se refere à insatisfação e ao sofrimento das(os) docentes que atuam na primeira etapa da educação básica. “Historicamente, as professoras da educação infantil sempre experienciaram o exercício da sua profissão no país de forma complexa, desafiadora e entremeada pelo mal-estar docente” (Abreu; Melo, 2023, p. 2). Diante disso, é fundamental analisar os fatores que intensificam esse mal-estar. Para investigar a relação entre o mal-estar docente e os desafios enfrentados na educação infantil, é necessário analisar as especificidades dessa etapa educativa e como ela impacta as(os) professoras(es).

Na sociedade, os(as) docentes da educação infantil possuem um papel fundamental no desenvolvimento inicial das crianças. Contudo, esse papel muitas vezes não é reconhecido nem valorizado como deveria. Assim, para falar sobre o mal-estar docente na educação infantil, é preciso perceber o espaço que essas professoras ocupam na cultura e o que permeia esse segmento.

As(os) professoras(es) da educação infantil frequentemente enfrentam condições de trabalho adversas, que podem incluir falta de recursos, turmas numerosas e baixos salários, o que podemos nomear como precariedade material. Além disso, a desvalorização, desautorização e deslegitimação profissional é um fator que agravam ainda mais o cenário, contribuindo para um estado de insatisfação, o que podemos nomear como precariedade simbólica segundo Fanizzi (2023). São condições que dificultam a execução de práticas pedagógicas de qualidade e afetam diretamente as(os) docentes.

Para entender as especificidades da primeira etapa educativa, é fundamental começar pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Promulgado em 13 de julho de 1990, é considerado um marco na legislação brasileira, tendo em vista que a criança passou a ser vista como um ser de direitos. O ECA trouxe um novo olhar para as crianças e muitas conquistas, estabelecendo garantias fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças (Souza, 2021). A partir dele, as crianças passaram a ter assegurados direitos básicos como educação, saúde, lazer, cultura, dignidade, respeito e liberdade.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases (Brasil, 1996), a educação infantil é a primeira etapa da educação básica, que atende crianças de até 5 anos de idade e

visa o desenvolvimento integral, abrangendo os seguintes aspectos: físico, psicológico, intelectual e social. É dever dos pais ou responsáveis realizar a matrícula a partir dos 4 anos, pois a educação infantil passou a ser obrigatória a partir dessa idade.

Ressalto que a Constituição de 1988 foi o ponto inicial para que outras Leis e decretos fossem sancionados e publicados. Em 2009 com a Emenda no 59 na Constituição Federal tornou gratuita e obrigatória a oferta do ensino para a Educação Básica (4 a 17 anos) (Guisso, 2020, p. 7).

A referida etapa se divide em creche e pré-escola. A creche atende crianças de 0 a 3 anos e a pré-escola, atendendo crianças de 4 a 5 anos de idade. A educação infantil tem como objetivo o desenvolvimento das crianças, envolvendo os aspectos físicos, cognitivos, psicológicos, sociais e socioemocionais. Os eixos que visam a estruturá-la são as interações e brincadeiras. Souza (2021, p.30) alega:

Salienta-se que, de acordo com a LDB/96, Art. 13 e seus incisos, a partir da inclusão da Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, os professores da creche e da pré-escola passaram a ter novas atribuições, entre elas: participar da construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade de ensino; construir e desenvolver o plano de trabalho de acordo com a proposta pedagógica da instituição de ensino; cuidar da aprendizagem dos alunos; participar de ações voltadas para o planejamento, avaliação e desenvolvimento profissional; e contribuir com as atividades concernentes à articulação entre escola, família e comunidade.

Diante da referida mudança, os(as) professores(as) assumem novas funções perante o seu ofício, passaram a ter um papel mais ativo e abrangente, envolvendo agora não somente o cuidado, mas a educação das crianças. Além disso, a participação no planejamento, no desenvolvimento pedagógico da instituição e colaboração com a comunidade escolar e familiar. A educação infantil passa a requerer um comprometimento maior dos(as) docentes.

Ademais, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 no artigo 61º estabelece a necessidade da formação especializada dos(as) professores(as), visto que a evolução das perspectivas sobre a educação infantil trouxe essa necessidade, para garantir que os educadores possam oferecer uma educação de qualidade e adequada às necessidades das crianças.

A formação de profissionais de educação, de modo a atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando terá como fundamentos: I – a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço; II – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e outras atividades (BRASIL, 1996).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os seis direitos de aprendizagem na educação infantil são essenciais para garantir que as crianças desenvolvam suas potencialidades, sendo eles: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

Deste modo, é função da instituição de Educação Infantil oferecer às crianças as condições para desenvolver suas aprendizagens, por meio de atividades que envolvam o brincar, a linguagem, os movimentos, a arte, a identidade e a autonomia, que são, segundo o RCNEI, atividades fundamentais para o processo do desenvolvimento da criança e devem fazer parte do cotidiano escolar (Barbiero, 2019, p. 2).

Entretanto, algumas instituições de educação infantil ainda olham para essa etapa como uma preparação para o ensino fundamental, o que limita o brincar e desconsidera a importância da referida etapa. São práticas exercidas que podem comprometer o desenvolvimento integral das crianças, pois desvalorizam as especificidades propostas, o brincar, a ludicidade, a exploração, a interação e a expressão.

Mas, por que essa preconização do ensino fundamental? Seria devido à pressão por resultados? Resultados que deveriam ser esperados apenas em fases seguintes. Dessa forma, acabam por desconsiderar a natureza própria da infância. Ao priorizar atividades mais estruturadas e menos brincantes e lúdicas, essas instituições acabam impondo um ritmo inadequado para as crianças, que precisam de tempo e espaço para aprender de forma natural e significativa

Além disso, a limitação das brincadeiras pode impactar negativamente a criatividade, a capacidade de resolver problemas e as habilidades sociais das crianças. O brincar não é e não deve ser visto na educação infantil como uma forma de entretenimento, ele possui uma intencionalidade, que é o desenvolvimento integral das crianças, é um meio pelo qual as crianças compreendem o mundo ao seu redor, experimentam novas ideias, aprendem a lidar com emoções e constroem relações com os outros. Souza (2021, p. 23) comenta que:

De acordo com a BNCC, a criança é entendida como sujeito central, construtor da própria aprendizagem, não sendo apenas um receptor de informações transmitidas pelos profissionais da educação. Portanto, sendo a criança ativa, é um ser que pode interagir com o mundo por meio da brincadeira, construindo o conhecimento através de experiências lúdicas, não sendo, assim, um sujeito apenas produzido na cultura, mas criador de cultura.

Essa perspectiva evidencia a importância do brincar como uma atividade fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, sendo um direito garantido

e valorizado na educação infantil. A brincadeira, portanto, não é um simples passatempo, mas sim uma prática pedagógica essencial que promove o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico das crianças, visto que além de reproduzir a cultura existente, ela também cria e recria significados, como afirma Souza (2021).

3.1 A dualidade: o cuidar e o educar

O cuidado e a educação de crianças pequenas devem acontecer de forma indissociável, com igual importância dentro das instituições de ensino. Durante a primeira infância, que abrange os primeiros anos de vida, as crianças estão em um período crucial de crescimento e desenvolvimento. Nessa fase, elas adquirem habilidades fundamentais. Barbiero (2019, p. 2), menciona que:

Entende-se que a fase chamada de primeira infância é muito importante para o desenvolvimento das crianças, pois é um período em que ela está se desenvolvendo nos aspectos cognitivos, físicos e sociais. Dessa maneira, acredita-se que o cuidar e o educar devem caminhar juntos, para promover o desenvolvimento integral da criança.

No entanto, nem sempre foi atribuída a intencionalidade educativa para as crianças da educação infantil. Antigamente, as creches eram predominantemente vistas como espaços destinados apenas ao cuidado dessas crianças, atendendo principalmente às suas necessidades básicas de alimentação, higiene e segurança.

Esse caráter assistencialista teve início com a Revolução Industrial, uma vez que houve uma grande necessidade de mão de obra para executar os trabalhos nas fábricas. Para se manter e ajudar em casa, as mulheres tiveram que ingressar no mercado de trabalho, pois também precisavam de dinheiro. Porém, as mães não tinham com quem deixar os seus filhos. Diante dessa situação, foram criadas as primeiras creches que ficavam responsáveis por cuidar das crianças enquanto as mães trabalhavam nas fábricas (Guisso, 2020).

Guisso (2020) ainda alega em sua obra que, historicamente, as mulheres que cuidavam das crianças naquela época não tinham formação para exercer um trabalho pedagógico com aquelas crianças. Partindo disso, as atividades realizadas eram de memorização, reza, cantos e ensinavam-lhes a terem bons modos e a serem obedientes. Portanto, as creches tinham cunho assistencialista, pois o objetivo delas eram proteger e cuidar das crianças.

No Brasil, as creches começaram a surgir no final do século XIX com um caráter predominantemente assistencialista. Essas instituições não tinham uma intencionalidade educativa clara e eram destinadas principalmente aos filhos das mães que precisavam trabalhar e não tinham condições financeiras para contratar alguém para cuidar de seus filhos.

As necessidades educativas da infância começaram a ser reconhecidas a partir do século XX, após a Constituição de 1988. Até esse período o atendimento de crianças de até seis anos de idade não era considerado como atividade educativa (Barbiero, 2019, p. 3).

Dessa forma, a educação infantil perde o seu caráter assistencialista e passa a ser um direito. Direito que foi conquistado com muitas reivindicações entre 1970 a 1980. Kramer (2008), comenta que devido ao grande número de matrículas, foram contratadas pessoas que nem mesmo tinham formação e preferencialmente mulheres, por acreditarem que o trabalho possui uma relação com o trabalho materno.

Mesmo hoje, os discursos continuam afirmando que a mulher tem aptidões específicas e naturais para os cargos que se aproximam da maternidade, do cuidado com os filhos e o lar pelo fato da docência ser uma atividade que envolve cuidado, zelo e vínculos afetivos (Ferreira; Pereira, 2012, p. 6).

Embora o cuidado seja fundamental e tenha um papel significativo no desenvolvimento infantil, ele não deve ser visto de forma isolada ou menos importante em relação ao processo educativo. O cuidar deve andar junto com o educar, pois ambos são igualmente essenciais para o desenvolvimento integral das crianças.

De acordo com especialistas na área infantil, as transformações só foram possíveis com a contribuição de estudos de várias áreas de conhecimento como a psicologia, a sociologia, a antropologia e a medicina, pois através das pesquisas realizadas nessas áreas, a criança passou a ser vista como um ser pensante, capaz de se desenvolver em todos os sentidos afetivo, cognitivo, social e cultural, independente de sua classe social (Barbiero, 2019, p. 3).

Os(as) profissionais atuantes dessa etapa, precisam primeiramente, de uma formação inicial e contínua, visto que precisam de conhecimentos específicos para contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem dessas crianças. Essa formação inicial e contínua permite que a sociedade desfrute de uma educação infantil de qualidade, pois assegura que os (as) docentes estejam preparados para enfrentar as demandas e para proporcionar experiências de aprendizagem ricas e significativas.

Para tanto, as professoras necessitam, a todo momento, utilizar o conhecimento sobre as fases do desenvolvimento da criança para propor atividades e situações que proporcionem aprendizagens significativas; utilizar a brincadeira como linguagem, pois sabemos que é, também, por via dela

que a criança começa a entender a si mesma, o mundo e suas relações; utilizar as linguagens artísticas como via de expressão e sensibilidade; criar recursos variados para enriquecer e diversificar as experiências das crianças etc (Abreu; Melo, 2023, p. 5).

Antigamente não, mas atualmente, a formação para educadores da primeira infância é uma exigência, e há um entendimento mais profundo sobre a importância de práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento integral das crianças. Devendo haver também uma relação afetiva, um laço entre o(a) educador(a) e a criança para que ela se sinta segura e confortável, sendo o cuidado essencial para construção afetiva entre o(a) docente e a criança.

O ato de cuidar é concebido como parte integrante da educação, e para desenvolvê-lo é preciso existir uma harmonia entre a criança e o educador, o qual deverá promover momentos que possibilitem a mesma desenvolver suas capacidades em um ambiente acolhedor, agradável e seguro. Para isso, é necessário realizar a junção das práticas que envolvem o cuidar e o educar (Barbiero, 2019, p. 4).

A abordagem *pikleariana* (Melim; Almeida, 2019) enxerga o bebê como um ser que deva ser respeitado, com suas próprias necessidades e ritmo. Foi desenvolvida pela pediatra húngara Emmi Pikler e tem como um dos princípios a afetividade e a liberdade de movimentos, considerando esses aspectos fundamentais para o bem-estar físico, afetivo e psíquico das crianças (Soares; Dickel, 2020). É uma abordagem que vê o vínculo do educador(a) e da criança como um elemento essencial para o desenvolvimento.

O cuidar é visto como um momento que contribui para a construção desse vínculo. Esse cuidado não é feito de qualquer forma: envolve manter o olhar para a criança, informar o que será feito, respeitar os sinais de fome e saciedade, estar atento aos sinais que ela emite e permitir que ela participe ativamente do processo, como levantar as pernas durante a troca de fraldas ou segurar um objeto enquanto é alimentada.

Sendo assim, a abordagem contribui para a formação de um vínculo afetivo e seguro, gerando impactos significativos no desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Soares e Dickel (2020) destacam que o cuidado deve ser um processo contínuo e integrado, no qual cada interação é uma oportunidade para fortalecer a confiança e o respeito mútuo. Araujo, Oliveira e Costa (2019, p. 6) relatam:

A docência é uma profissão bastante desafiadora, pois exige do profissional mais que formações. Requer do educador responsabilidade, compromisso, autonomia, dedicação, amor por ensinar para que assim crie-se um vínculo afetivo entre professor e aluno, e consequentemente um bom rendimento na aprendizagem.

A docência vai muito além da mediação do conhecimento, ela exige diversos aspectos dos(as) professores(as) e um deles os autores citam a afetividade. A afetividade é fundamental para criar um ambiente de confiança e segurança, onde as crianças se sintam valorizadas e motivadas a aprender. Esse vínculo afetivo fortalece a relação professor-criança, contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem.

Dessa forma, é fundamental que, na educação infantil, o cuidar ande junto com o educar. O professor(a) possui a função de promover o desenvolvimento integral das crianças, equilibrando a afetividade com as práticas pedagógicas. Além disso, é essencial que o(a) docente tenha autonomia, como afirmam os autores, permitindo-lhe adaptar suas práticas de acordo com as necessidades específicas de sua turma e de cada criança. Para assim, proporcionar uma educação de qualidade, sempre visando atender às demandas e particularidades das crianças.

3.2 Desafios enfrentados pelas docentes na educação infantil

As(os) docentes de educação infantil assumem responsabilidades ainda mais significativas nesta etapa, pois são crianças menores e necessitam de um olhar mais atento. Elas estão conhecendo o mundo e aprendendo a regular suas emoções, interagir com os colegas e entender as normas sociais. As(os) professoras(es) são mediadoras(es) dessas interações, ajudam as crianças a desenvolverem habilidades importantes tais como compartilhar, esperar a vez, resolver os conflitos de forma correta e até mesmo evitá-los, como as famosas mordidas. Nessa fase as crianças ainda não detêm autonomia semelhantes às crianças do ensino fundamental, logo precisam mais das(os) professoras(es) em alguns momentos, na questão da alimentação, higiene, segurança, quanto outros cuidados.

As(os) professoras(es) possuem um papel fundamental para a constituição psíquica das crianças. A função dos(as) docentes na creche não é a de uma mãe/pai, mas se aproxima dela. Eles exercem um papel importante na continuidade do cuidado materno/paterno, que nomeamos de extensão das figuras parentais. É importante afirmar que esse cuidado não se limita apenas ao cuidado físico. O cuidado oferecido na escola deixa marcas importantes na formação psíquica da criança (Kupfer; Lerner, 2014).

Na psicanálise, "o Outro" representa aqueles que influenciam a formação da subjetividade. Diante disso, o psiquismo da criança não se constitui apenas pela

atuação da função materna e paterna, mas por uma rede de pessoas próximas, incluindo os(as) professores(as), que exercem essas funções em extensão. A(o) professora(e) deve cuidar e se envolver afetivamente com a criança, mas sem esperar dela um reconhecimento, como ocorre na relação mãe-filho (Kupfer; Lerner, 2014).

As educadoras, muitas vezes resistem à ideia de que exercem uma continuidade da função materna, pois isso pode gerar uma sobrecarga emocional e expectativas difíceis de sustentar. Na psicanálise, o bebê não nasce "pronto" como sujeito, ele precisa do Outro para se constituir. O Outro é quem dá significados, insere o bebê na linguagem e no desejo, ajudando-o a se tornar um sujeito singular. Em vista disso, o papel docente na educação infantil não é reduzido a um simples cuidado físico ou ensino de regras. A(o) professora(o) exerce um papel essencial na formação psíquica da criança, sendo parte de uma rede de pessoas que influenciam sua subjetividade. No entanto, para Kupfer e Lerner (2014) esse papel traz desafios e mal-estar.

Algumas responsabilidades atribuídas a esses educadores(as) incluem garantir a segurança física e emocional das crianças, promover seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo e criar um ambiente de aprendizado que seja ao mesmo tempo estimulante e acolhedor. Além disso, desempenhar função para constituição psíquica das crianças.

Contudo, embora o papel da docência seja fundamental para a formação do sujeito, ele é desvalorizado pela sociedade. No documentário *Brasil pode enfrentar falta de professores na educação básica até 2040* (2023), um professor da educação básica relata que, para ter um salário razoável ele precisa dar várias aulas. Isso reflete o quão mal pagos e sobrecarregados estão os professores no Brasil. Além do mais, o documentário aborda um fator preocupante para a educação brasileira: que até 2040 pode haver um apagão de professores(as), por se tornar uma profissão pouco atrativa, tanto para os que já estão na carreira, quanto para os mais jovens.

Mas quais são os motivos da carreira docente ser pouco atrativa? Alguns dos motivos se justificam pela desvalorização da profissão, pelos desafios enfrentados diante das práticas pedagógicas e pelos baixos salários. Segundo o documentário citado acima, outro motivo do desinteresse é a violência verbal e física contra os professores da educação básica. Em outros países, o ofício docente chega a ser mais valorizado do que no Brasil. Esse cenário pode ser observado por meio dos diversos impactos negativos vivenciados por esses(as) profissionais, como os baixos salários,

que, além de reforçar a desvalorização da categoria, também contribuem para a perpetuação desse quadro.

No que se refere à desvalorização, ao analisar o contexto da primeira etapa educativa, constata-se que esses(as) profissionais são ainda mais subestimados(as). Observa-se que a referida etapa é composta predominantemente por mulheres, tendo em vista que, na educação infantil o educar e o cuidar andam juntos.

Durante muito tempo, acreditou-se, e ainda hoje não é raro nos depararmos com esta crença, que apenas a figura feminina está apta a desempenhar um papel na Educação Infantil, pois se estabelece uma associação entre o cuidado que é comum a esse período da escolarização e o papel maternal (Abreu; Melo, 2023, p. 2).

Diante do relato de Abreu e Melo, é possível perceber inicialmente que a predominância do corpo docente na educação infantil ser composto por mulheres, está ligada a estereótipos de gênero que associam as mulheres ao cuidado das crianças. Esses estereótipos são profundamente enraizados na sociedade e influenciam a percepção e a valorização da educação infantil. Por que o cuidar é desvalorizado? Historicamente, o cuidado infantil tem sido visto como uma extensão do papel doméstico das mulheres. Essa associação contribui para a percepção de que essas funções não são propriamente profissionais. Em muitas escolas de educação infantil, observa-se que as estagiárias ou auxiliares ficam responsáveis por tarefas de cuidados físicos, como trocar fraldas, vestir e alimentar as crianças, pois essas atividades são consideradas “menos importantes” no contexto educacional. Essa visão cultural persiste até hoje, levando à desvalorização do papel das professoras na educação infantil.

No entanto, para a psicanálise, a função exercida para a criança não depende do gênero do adulto que a desempenha. O que define essa função não é o corpo biológico, mas o papel simbólico que o sujeito ocupa na relação com a criança. Assim, tanto homens quanto mulheres podem exercer o cuidado e a educação na primeira infância, pois o que está em jogo não é o sexo, mas a posição subjetiva que assumem na constituição psíquica infantil.

O cuidado é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças, visto que atende desde as necessidades básicas das crianças, até a promoção do desenvolvimento emocional, social e cognitivo. Ele também proporciona oportunidades para construir relacionamentos e vínculos fortes entre as crianças e os educadores(as) vínculos que são necessários para a construção da segurança e

confiança da criança, para que elas possam se sentir compreendidas e acolhidas, como já foi dito acima.

Por outro lado, na sociedade contemporânea, especialmente à luz das exigências do mercado, o cuidado muitas vezes não é visto com a mesma importância que os métodos de aprendizagem, refletindo uma visão que valoriza competências diretamente relacionadas à produtividade. O contexto cultural tende a valorizar uma educação mais técnica e científica, o que pressiona as(os) professoras(es) da educação infantil a se afastarem de um aspecto essencial do seu trabalho: o laço afetivo com as crianças. Essa visão transforma o ato de educar em algo estritamente técnico, o que ignora a importância do afeto na relação entre o(a) docente e a criança.

O laço na educação tem se enfraquecido, é que se ouve nos relatos das professoras de educação infantil. Dentre elas a que não devem se envolver emocionalmente com as crianças, pois isso poderia ser interpretado como “pouco profissional” ou “informal”. Esse distanciamento imposto vai contra a própria natureza da educação infantil, onde o cuidado e o afeto são partes fundamentais do processo de ensino e aprendizagem. Por exemplo, em algumas instituições, chamar uma criança por um apelido carinhoso ou tratá-la de forma mais próxima pode ser motivo de repreensão, como se essa demonstração de afeto comprometesse a postura profissional da professora. Essas restrições acabam por enfraquecer o vínculo afetivo, que é essencial para o desenvolvimento emocional e psíquico das crianças pequenas. Kupfer e Lerner (2014, p. 226), evidenciam em sua obra o mal-estar docente na educação infantil frente ao laço com a criança:

De modo envergonhado, como se esse fosse um gesto escuso, roça rapidamente o rosto de seu bebê predileto (sim, eles existem, embora isso não possa ser declarado), dá-lhe um beijo e olha à sua volta para saber se foi surpreendida em ato tão reprovável pelo discurso dominante.

Esse discurso pedagógico atual, que busca separar o afeto da educação, tem gerado um mal-estar tanto para as professoras quanto para as crianças, pois as docentes se sentem limitadas por um sistema que separa afetividade e educação, sem permitir que elas exerçam sua função de cuidado de maneira plena, resultando em culpa e frustração.

É perceptível que a sociedade contemporânea tende a valorizar mais os métodos de aprendizagem percebidos como gerador de resultados, pois, são úteis para o mercado, em detrimento de aspectos fundamentais da formação humana,

como o afeto e o vínculo. “Quando um sistema é regido por uma lógica de desempenho e de concorrência, a principal preocupação dos que o gerenciam é o aumento da produtividade” (Charlot, 2020, p. 84). Dessa forma, o corpo educativo precisa dar o ser melhor para atender as expectativas que o mercado e a sociedade impõem sobre eles(as).

Seguindo essa visão, nota-se que há uma pressão sobre os(as) docentes para atender expectativas e exigências, muitas vezes sem o devido suporte institucional, o que acaba contribuindo para o aumento do mal-estar docente. Charlot (2020) diz que a sociedade contemporânea mudou seu foco de uma abordagem pedagógica centrada no ser humano para uma lógica social que valoriza desempenho e a concorrência, isso porque a economia atual valoriza o sucesso medido por resultados como produtividade. Isso incentiva uma cultura de competição onde o desempenho é constantemente avaliado e comparado. No mais, isso significa que há uma pressão constante para ser o melhor, para competir e para atingir altos níveis de sucesso, seja no trabalho, na educação ou em outros aspectos da vida.

Por essa razão, os(as) professores(as) precisam atender a expectativas e exigências que lhes são impostas. Assim, a docência se torna uma profissão cada vez mais desafiadora, pois a sociedade exige constantemente mais desses profissionais. Como destaca Charlot (2020, p. 72): “O fato de estudos permitirem ascender a determinadas posições sociais não é novo em si, mas nunca a exigência de um diploma teve tanto peso sobre a vida de tantos indivíduos”. Além disso, o autor acrescenta:

O desempenho dos alunos é constantemente avaliado por testes que decidirão seu destino na gestão do fluxo, e que mantém uma pressão quase permanente sobre as escolas – sobre os alunos, mas também sobre seus pais e professores (Charlot, 2020, p. 73).

Diante disso, observa-se o quão a escola e os(as) docentes são cobrados pelo desempenho dos alunos. Essa pressão constante para obter resultados e de um bom desempenho gera um ambiente de estresse e ansiedade, tanto para os estudantes, quanto para os professores. Os(as) educadores(as) são frequentemente responsabilizados pelo sucesso ou fracasso acadêmico das crianças/alunos, independentemente das condições de trabalho ou do suporte que recebem. Abreu e Melo (2023, p. 8) compartilham do mesmo pensamento:

Os efeitos da lógica neoliberal no trabalho e na formação de professores e professoras são somados às profundas mudanças sociais e educacionais,

estabelecendo maiores exigências no desempenho da profissão que não são acompanhadas pela oferta proporcional de condições de trabalho.

Souza (2021) cometa sobre a adoção de estratégias que alguns atuantes nesse segmento utilizam como enfrentamento do mal-estar, já outros, desanimados pela vivência diária se acomodam e se permitem vivenciá-lo.

Alguns docentes elaboram estratégias viáveis para lidar com a realidade; outros, desencantados, vivenciam o mal-estar difuso. O mal-estar constante e difuso, para além da possibilidade de afetar a saúde física e psicológica do docente, pode repercutir na qualidade da educação (Souza, 2021, p. 52).

A qualidade do ensino também pode estar ligada à saúde mental dos(as) professores(as). Quando eles(as) estão psicologicamente abalados, esgotados ou desmotivados, passam a ter menos ânimo para planejar e realizar as propostas com as crianças. Isso pode resultar em um ambiente de aprendizagem menos estimulante e produtivo. Na pesquisa de Ferreira e Pereira (2012, p. 9), são apontados alguns desafios que permeiam a educação infantil:

Dentre os principais problemas que as professoras convidadas relataram com mais frequência, em suas práticas na educação infantil, destacam-se: a escassez do tempo frente à grande carga de atividades, incluindo o grande volume de registros e relatórios que delas são cobrados ao longo do ano, o número de alunos por turma, a falta de recursos físicos e materiais da escola, a cobrança de alfabetizar e preparar as crianças para o ensino fundamental, a falta de suporte para trabalhar com a educação inclusiva e os problemas de ordem relacional. Essas recriminações apresentaram-se semelhantes, salvo algumas exceções, sinal de uma dificuldade geral, somente em parte imputável a contingências particulares. Em se tratando de educação infantil, as crianças pequenas demandam atenção o tempo todo. Para serem boas professoras precisam de tempo para planejar e executar. Com boas intenções e comprometimento, sentem vontade de abraçar as ideias, aderir aos projetos, mas quando percebem que estão sobrecarregadas sofrem por não conseguir finalizar tudo da forma que gostariam.

É possível notar os inúmeros desafios que são atribuídos aos professores(as) da educação infantil. Embora tenham boas intenções e estejam comprometidos com a educação, a sobrecarga de trabalho muitas vezes impede que realizem as tarefas da maneira que gostariam, lhe gerando um mal-estar e sofrimento. Elas(es) se veem incapazes de finalizar tudo com a qualidade e dedicação desejada.

Esse mal-estar se manifesta de várias formas nesses professores(as), podemos citar alguns sintomas como a ansiedade, estresse, depressão, agressividade, sensação de impotência, pessimismo, desmotivação, angústia e cansaço. Esses sintomas são gerados a partir de uma insatisfação, desconforto e exigências, ou seja, os fatores que podem contribuir para esse mal-estar são turmas superlotadas e pressão para cumprir metas e resultados, sobrecarga de trabalho,

desvalorização, falta de reconhecimento pelo trabalho, lidar com os impulsos instintivos das crianças e lidar com as famílias.

Fanizzi (2023) aponta em sua obra as causas do sofrimento docente que seriam as superlotações das salas, a falta de apoio da família, a falta de infraestrutura, problemas com os colegas e gestores, violência, indisciplina, desrespeito dos alunos, excesso de trabalho, a falta de autonomia, a alta carga horária, a falta de políticas públicas, baixos salários, desvalorização, desatualização das formações, o que inclui a formação inicial e a continuada, precarização e a difamação do trabalho docente. Conforme os estudos de Araujo, Oliveira e Costa (2019, p. 6) a docência é uma profissão desafiadora:

O professor dentro da sala de aula encontra-se diante de muitas situações que os desafia: salas numerosas, alunos com diferentes níveis de aprendizagem, a estrutura da escola muitas vezes é desmotivadora, as diversidades culturais, as condições sociais diversas, indisciplina, e também fatores externos como a desvalorização profissional que os profissionais da educação e principalmente da educação infantil sofrem.

Outro ponto que é importante ser destacado, é a falta de autonomia que esses docentes vivenciam, o sistema institucional padronizado de ensino, caracterizado por uma abordagem imediatista, impede que as vivências e subjetividades dos estudantes e professores(as) sejam valorizadas e incorporadas no processo educativo. A falta de espaço para o diálogo, a reflexão, e a expressão individual dentro da escola reduz a educação a um processo tecnicista, aumentando a sensação de insatisfação e alienação entre os docentes. Essa realidade vivida, trouxe muitos impactos para a educação, inclusive para os(as) professores(as), tendo em vista a modificação de seu status social, que anteriormente gozava de maior consideração.

Na atualidade, a escola e o trabalho docente se materializam sob uma forte tendência neoliberal marcada por individualismo, competitividade e a meritocracia que exige um modelo de educação voltado para o mercado e que forme, sobretudo, o trabalhador do futuro. Tal realidade estabelece um sistema institucional padronizado de ensino acrítico e imediatista que deixa escapar o que consideramos essencial, como as vivências e as subjetividades de estudantes e professores (Abreu; Melo, 2023, p. 14).

Em suma, muitos são os desafios que os(as) docentes enfrentam nessa etapa, Eles(as) vivenciam a desvalorização do seu trabalho, muitas exigências, condições que desfavorecem o seu trabalho, dificultando o alcance dos objetivos impostos, a falta de apoio da gestão e da família, a falta de reconhecimento social e econômico. São diversos fatores que contribuem significativamente para o mal-estar e sofrimento dos(as) docentes da educação infantil.

Na próxima seção, será apresentado relatos do mal-estar docente em uma escola de educação infantil em São Luís do Maranhão. Foi Investigado por meio da entrevista semiestruturada como esse mal-estar se manifesta nas professoras, identificando as diversas formas de insatisfação e estresse que enfrentam, ou seja, a relação entre o mal-estar docente e os inúmeros desafios enfrentados no ambiente escolar. Por fim, a seção também destacará as estratégias de enfrentamento adotadas pelas professoras para lidar com esse mal-estar manifesto.

4 MAL-ESTAR DOCENTE: o que dizem e fazem as professoras da educação infantil

Nesta seção, dar-se-á início à análise dos dados coletados durante a pesquisa de campo, realizada em uma instituição de educação infantil privada, localizada em São Luís do Maranhão, denominada Aprender. Por meio de cinco entrevistas semiestruturadas, conduzidas com professoras nos dias 8 e 9 de agosto de 2024, buscou-se compreender como as docentes da educação infantil expressam seu mal-estar, os sentimentos que permeiam sua rotina, a relação entre os desafios enfrentados e o mal-estar vivenciado, os fatores que contribuem para o agravamento desse fenômeno e as estratégias por elas utilizadas para lidar com essa condição.

Trata-se de uma instituição de médio porte que atende crianças de 3 a 5 anos de idade. A escola é caracterizada por um ambiente acolhedor e estimulante para o desenvolvimento das crianças, no entanto, sabe-se que todo ser humano convive com sensações e sentimentos de mal-estar ao longo da vida, nas relações e nos diversos espaços da cultura.

Assim como em todas outras instituições, a docência, especialmente na educação infantil, é uma profissão complexa e enfrenta desafios que causam mal-estar. São desafios que muitas vezes, se manifestam de maneiras sutis e silenciosas, mas têm um efeito profundo sobre a vida dos educadores(as). A docência nessa etapa exige dos(as) profissionais conhecimento técnico, pedagógico e requer uma enorme capacidade de lidar com os aspectos emocionais e psíquicos das crianças diariamente.

A escola possui uma estrutura física adequada e bem projetada para atender às necessidades das crianças. As salas de referência são bem amplas e iluminadas, possuindo áreas externas para atividades recreativas. O quadro de docentes é composto completamente por mulheres, muitas das quais possuem vasta experiência na educação infantil. As professoras atuam em turmas com aproximadamente 25 crianças, o que exige delas uma atenção redobrada às necessidades individuais de cada criança. Atua-se na sala de referência uma professora e uma estagiária. A abordagem pedagógica aplicada pela instituição é a Reggio Emilia, uma proposta que valoriza os interesses das crianças por meio da exploração e criatividade.

A instituição conta com uma equipe administrativa e de apoio bem estruturada, composta por diversos profissionais que contribuem para o bom

funcionamento da escola. No topo da gestão, há uma diretora responsável por supervisionar todas as operações da escola, garantindo que as diretrizes educacionais e administrativas sejam seguidas de maneira correta. A diretora trabalha em colaboração com as duas coordenadoras pedagógicas, que têm um papel fundamental na orientação e no suporte das práticas pedagógicas adotadas pelas professoras. As coordenadoras pedagógicas colaboram nos planejamentos, além de prestar apoio às docentes, ajudando a resolver desafios que surgem no dia a dia escolar.

Além do suporte pedagógico, a escola também valoriza o bem-estar físico e nutricional das crianças, contando com uma nutricionista que monitora a qualidade das refeições oferecidas, garantindo que as crianças recebam uma alimentação balanceada e adequada às suas necessidades. Há também a presença de uma enfermeira na equipe, que oferece alguns cuidados às crianças, estando disponível para atender a qualquer emergência que possa ocorrer, o que tranquiliza tanto as professoras quanto os pais.

A escolha dessa instituição como campo de pesquisa justifica-se pelo contato prévio estabelecido, uma vez que já havia sido realizado estágio na mesma, bem como pela familiaridade com os profissionais que atuam no local. Em virtude disso, foi apresentada à diretora da escola uma carta de apresentação, solicitando a autorização para a realização da pesquisa na instituição. A receptividade por parte da diretora foi positiva.

Ademais, a proximidade com os profissionais atuantes na instituição contribuiu significativamente para o processo de coleta de dados e realização das entrevistas, que permitiu um diálogo mais aberto e sincero. A proximidade facilitou a criação de um ambiente de confiança, onde as docentes se sentiram mais à vontade para compartilhar suas experiências, desafios e sentimentos. Acredita-se que a experiência prévia no estágio auxiliou a ter uma escuta mais sensível e uma melhor compreensão da rotina, das dificuldades e das particularidades do trabalho docente na educação infantil. Assim, a experiência prévia foi significativa para compreender os sentimentos docentes com maior empatia e clareza, enriquecendo a análise dos dados coletados.

4.1 Conhecendo as professoras

Com a finalidade de preservar os nomes das cinco docentes (todas mulheres) que participaram da entrevista, colaborando com a pesquisa, elas tiveram os seus nomes substituídos por professora 1, professora 2, professora 3, professora 4 e professora 5 ao longo das análises. Essa medida visa garantir a privacidade e o anonimato das participantes, permitindo que expressassem livremente suas opiniões, sentimentos e experiências sem receio de exposição. Elas demonstraram interesse pelo tema da pesquisa, afirmando que normalmente as pesquisas sempre estão voltadas para o desenvolvimento das crianças e quase nunca para os(as) professores(as).

Todas as participantes são formadas em Pedagogia e possuem uma pós-graduação ou mais. Todas contam com uma boa experiência na educação infantil, o período de atuação mínima do grupo nessa etapa é de 5 anos e o período máximo é de 15 anos. A mais nova das participantes possui 32 anos e a mais velha delas possui 41 anos. Das 5 professoras, 3 possuem filhos e todas trabalham uma carga horária de 40 horas semanais. Para conhecer um pouco sobre os interesses profissionais das docentes, a primeira pergunta da entrevista foi: “Ser professora era a profissão que você almejava? Justifique”. A professora 1 respondeu:

Não, quando eu era estudante lá no ensino fundamental eu olhava e dava pra perceber o **estresse** já. A relação do ser humano com o outro nunca é uma relação fácil e eu dizia que eu não queria isso pra mim. Eu gosto muito do estudo, da educação, como o ser humano aprende, porém desde a graduação eu falo, o que me desencanta não é a educação e sim o sistema educacional (grifo nosso)

Sobre o estresse já mencionado pela professora, cabe destacar, conforme Freud (2010), que as relações interpessoais não são facilmente administradas e que, a partir dessa fonte, é possível experimentar um sofrimento ainda mais intenso. A causa do desencantamento, apontada por ser o sistema educacional, se refere às condições de trabalho, as demandas, pressões e limitações, podendo trazer insatisfação pelo trabalho na área da educação. De acordo com Silva (2017, p. 43):

[...] o conceito de estresse foi utilizado pela primeira vez pelo endocrinologista Canadense Hans Selye, na década de 30 do século passado. Desde o surgimento do conceito, muitas definições têm sido usadas para explicá-lo e a maioria o conceitua como um conjunto de situações de alarme e adaptação às condições ambientais que incluem respostas de ordem fisiológica, psicológica e comportamental que se manifestam em sujeitos submetidos à excessiva exaustão.

O estresse no ambiente educacional intensifica o mal-estar das professoras, afetando diretamente sua saúde mental. A professora 2 também afirmou que não almejava, porque a sua mãe era professora e ela olhava todo o trabalho dela e não queria isso para sua vida. Ou seja, as pessoas que estão de fora conseguem perceber e assumir que a docência não é uma tarefa fácil e exige muito dos profissionais.

Por outro lado, as professoras 3, 4 e 5 relatam que ser professora era um “sonho” desde a infância. A professora 3 não achava que dava muito trabalho, afirmou pensar ser uma coisa e na hora ser totalmente diferente. Porém, ainda assim não se vê em outra profissão. A Professora 4 relatou que a docência era uma profissão pela qual nutria grande aspiração. No entanto, nos últimos anos, demonstrou dúvidas sobre a continuidade na carreira, destacando que o exercício da profissão tem gerado diversas implicações em sua vida pessoal e profissional. Esses fatores a levaram a refletir sobre questões relacionadas à sua saúde e, por consequência, despertaram o desejo de ingressar em uma nova graduação. A professora 5 disse que sempre brincava de escolinha e o desejo veio desde criança.

A respeito do relato da professora 4, de estar repensando a profissão, Araujo; Oliveira; Costa (2019, p. 2) comentam que: “Muitos professores se sentem desmotivados para continuar atuando no magistério, e com isso acabam se sentindo insatisfeitos com a profissão que tanto almejaram e lutaram para ter”.

Desse modo, nos relatos iniciais das professoras, destaca-se a diversidade de experiências e perspectivas sobre a escolha da profissão docente. A partir das respostas obtidas, fica evidente que, apesar do interesse genuíno e da paixão pela educação, muitos desafios e desencantos surgem ao longo da trajetória profissional como discutidos a seguir.

4.2 O mal-estar na voz das professoras

Diante do que já foi exposto, percebe-se que a docência, embora repleta de encantos, também apresenta desafios significativos, especialmente na educação infantil. Nessa etapa, as exigências sobre o(a) profissional são ainda maiores, devido às múltiplas funções que precisam ser exercidas. Diante disso, buscou-se investigar quais podem ser os fatores de desgaste e de sofrimentos das professoras. Então a segunda pergunta foi relacionada à comparação das exigências entre a educação infantil e as outras etapas. A pergunta foi: “Para você, atuar na educação infantil requer

algo a mais do que em outras etapas?”. Todas as docentes relataram que a educação infantil requer mais do profissional do que em outras etapas. Segundo a professora 1:

Nem precisa atuar nas outras etapas para perceber isso. Em outras etapas as crianças têm mais autonomia, aqui requer mais do professor, aqui eu tô muito mais preocupada com o desenvolvimento da criança, com a segurança delas. A **exigência psicológica** desse professor também é muito maior, **exigência física** para lidar com crianças **neuroatípicas**, só ontem eu tive que fazer 2 contenções em um período, sai daqui toda dolorida e isso com a turma cheia de criança e vem toda aquela cobrança de que eu sou responsável por essa turma. E depois que o professor faz toda essa contenção, ele tem que voltar para onde ele estava, fazer o reconto da história como se nada tivesse acontecido. Imagina o que o professor é capaz de evocar pra dar conta de tudo, não é só uma sala de referência com as crianças, é cada peculiaridade, o esforço mental, emocional. Quando eu saio daqui, tenho outros problemas. Então não é fácil de jeito nenhum atuar na educação infantil, é claro que as outras etapas têm seus problemas, mas aqui é mais difícil (grifo nosso).

A partir dessas percepções da professora 1, ficou evidente que o mal-estar das docentes na educação infantil tem muitas raízes na exigência psicológica e física que a profissão impõe. A exigência psicológica na educação infantil é particularmente devido à necessidade de atender ao desenvolvimento integral das crianças, o que inclui a aprendizagem, a segurança, o bem-estar emocional e o comportamento social. Por outro lado, essas professoras, muitas vezes enfrentam situações em que precisam lidar com comportamentos desafiadores, como contenções físicas, especialmente em turmas com crianças neuroatípicas.

Há uma demanda física significativa, somada à pressão psicológica de ser responsável por cada criança, o que configura um ambiente de trabalho extremamente exigente. Diante dessa perspectiva, Oliveira (2020), destaca que um dos grandes desafios da educação atual é garantir que todos os alunos/crianças, independentemente de suas condições, recebam uma educação inclusiva e adaptada às suas necessidades educacionais especiais. Isso implica que o professor deve estar constantemente preparado para lidar com a diversidade dentro da sala de aula, o que requer competências pedagógicas, além disso, uma resiliência emocional e física.

O mal-estar é percebido também pela repetição, uma vez que as professoras precisam repetir constantemente as mesmas instruções e orientações para que as crianças internalizem regras básicas de convivência e aprendam a lidar com suas emoções. A professora 2 diz que:

A etapa requer muita **paciência**, pois no fundamental as crianças já têm uma certa estrutura e autonomia e na educação infantil, temos que apertar a mesma tecla todos os dias. Então, essa repetição exige muita paciência e temos que ter. Essa **repetição** é a rotina, o ensinar até eles entenderem a lidar com as suas emoções: “Não pode bater”, “Não pode morder” (grifo nosso).

Segundo Santos (2020), a escola desempenha um papel fundamental ao formar indivíduos de acordo com a ética social, sendo uma das instituições mais significativas criadas para promover os ideais de civilização. Dessa forma, essa repetição constante faz parte da rotina e é fundamental para orientar as crianças de acordo com a ética social, exigindo um nível elevado de paciência por parte dos professores(as), pois as crianças ainda estão em processo de compreender normas sociais básicas. Diferente do ensino fundamental, onde os alunos já conseguem compreender algumas normas sociais.

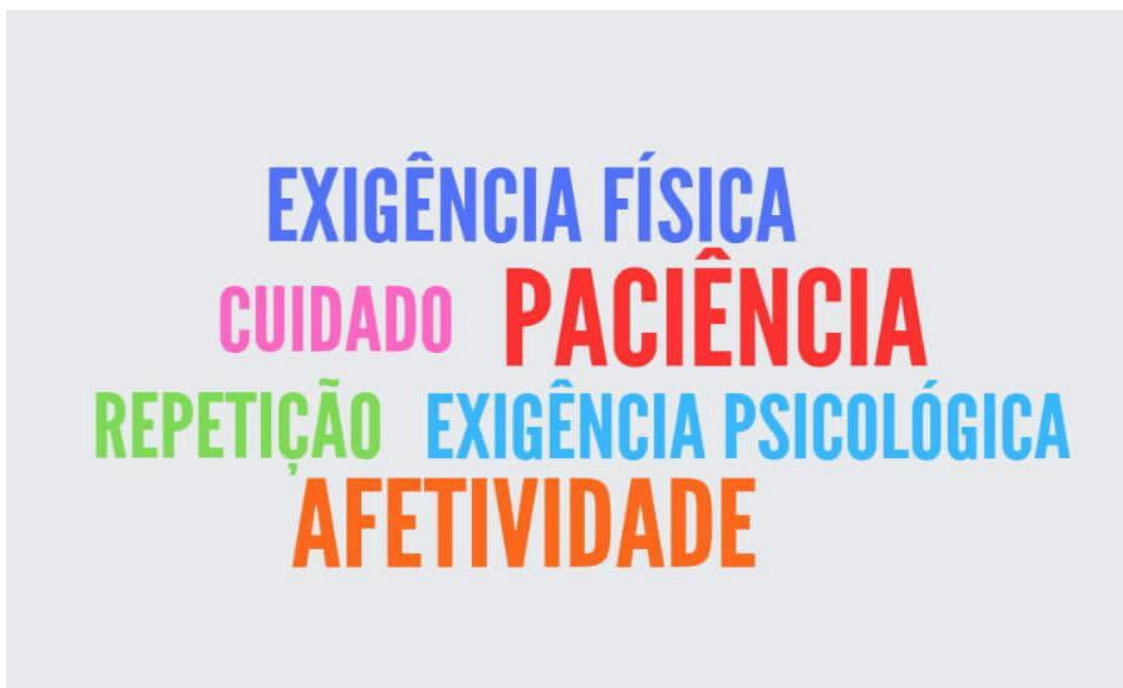
Já a professora 3 relata que para atuar na educação infantil, o(a) professor(a), precisa ter todo um jogo de cintura, porque as crianças estranham, precisam de segurança e confiança. Dessa forma, o(a) educador(a), precisa passar confiança a criança, pois nessa fase os(as) docentes lidam mais com a questão emocional delas, como os choros e impulsos. A professora alega mais ainda que o(a) docente precisa ter amor e afetividade, concordando com o mesmo pensamento da professora 5:

A educação infantil requer bastante **paciência**, amor, se você não tiver amor, você não continua. A gente ver muitas pessoas desistindo no meio do caminho por conta disso. Se você não gosta de criança, de dar aula para criança, eu acredito é bem difícil a pessoa continuar, porque não é uma tarefa fácil (grifo nosso).

Compreende-se que a afetividade é um componente fundamental no trabalho com a educação infantil. Ela fortalece o vínculo entre professor(a) e criança, além de facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Isso ocorre porque as crianças, nessa faixa etária, precisam sentir-se seguras e acolhidas para se desenvolverem, conforme destacado pela Professora 3. Dessa maneira, a afetividade não é apenas um complemento e sim uma necessidade intrínseca na atuação dos(as) docentes. Soares e Dickel (2020), relatam em seu artigo que um dos pilares da abordagem de Emmi Pikler é a afetividade, o que evidencia a importância desse elemento na relação entre professor(a) e criança.

A professora 4 já envolve a questão do cuidar em sua resposta: “Com certeza requer mais do professor, porque na educação infantil exige a questão do cuidar e do educar, já no ensino fundamental não, eles não precisam tanto desse cuidado”. Desse modo, encerra-se essa questão com a seguinte afirmação da Professora 3: “Todo professor que atua na educação infantil, pode atuar em qualquer etapa, mas nem todo professor que atua no ensino fundamental tem capacidade de atuar na educação infantil”.

Figura 1 - A educação infantil requer:



Fonte: Organizado pela autora (2025).

De acordo com as queixas e expressões das professoras, a educação infantil é uma etapa que demanda mais dos(as) docentes. Entre as exigências citadas, destacam-se a paciência, a repetição, o amor, a afetividade, a demanda física e psicológica, além do cuidado, conforme mencionado anteriormente. Em segundo plano, todas as professoras relataram vivenciar mal-estar em sua profissão. Uma delas afirmou sentir esse mal-estar há anos, outras duas mencionaram experimentá-lo diariamente, e as demais limitaram-se a relatar a presença do mal-estar sem especificar a frequência.

Diante disso, buscou-se analisar o que contribui para o mal-estar dessas professoras da educação infantil, as situações de desgastes. Essas contribuições foram identificadas por meio de duas perguntas: “Quais são as suas preocupações diárias na sala de referência?” e a outra já foi mais específica: “O que lhe causa mal-estar como professora da educação infantil?”. Foi identificado um total de 4 fontes causadoras de mal-estar docente na educação infantil. As respostas se repetiram na fala de outras colegas de trabalho.

A primeira fonte apontada pela professora 2 e pela professora 5 é lidar com a diversidade na sala de referência. Esse lidar com a diversidade envolve tanto a questão de aprendizagem quanto da personalidade. Segundo a professora 2: “O saber lidar com todos, o preparo para atender toda diversidade, pois cada um aprende de uma maneira”. Já a professora 5 diz que: “Lidar com a personalidade de cada um, cada um vem com uma educação de casa, um comportamento, aí dificulta, porque a gente tem que entender e compreender cada um na sua individualidade e é difícil lidar com cada um, com a diversidade”.

As falas das professoras 2 e 5 apontam a complexidade de lidar com a diversidade na sala de referência, tanto no aspecto da aprendizagem quanto da personalidade das crianças. Por esse “lidar” com a diversidade não seguir uma receita, pois cada ser é único e traz consigo experiências e formas de aprender distintas. O (a) professor (a), portanto, vai lidar com as crianças da maneira que pode, com base em suas próprias condições, limitações e percepções. Nem sempre será possível saber exatamente como reagir, e isso faz parte da prática docente e da vida, que envolve lidar com as situações de maneira única. Logo, o mal-estar, muitas vezes presente nesse processo, é uma consequência natural desse enfrentamento diário das diferenças e das dificuldades que surgem no dia a dia escolar.

A segunda fonte de mal-estar foi identificada pela professora 1, pela professora 3 e pela professora 5, sendo ela a falta de parceria com a família. A professora 1 relata que os pais não colaboram com os(as) professores(as) e que o descuido deles gera mal-estar. O cenário descrito pela professora 1 reflete um problema cada vez mais evidente nas relações familiares e escolares: a ausência dos pais na educação dos filhos e o impacto que isso tem tanto nas crianças quanto nos professores. Em uma entrevista realizada durante um estágio obrigatório na Universidade Federal do Maranhão, uma professora destacou que o maior desafio hoje é lidar com os pais, que frequentemente transferem para a escola responsabilidades que deveriam ser compartilhadas no âmbito familiar.

Ela afirmou que essa postura é preocupante, pois a falta de envolvimento parental compromete não apenas o desenvolvimento emocional e social das crianças, mas também sobrecarrega os professores, que precisam suprir essa lacuna. A professora ressaltou ainda que essa dinâmica afeta diretamente seu emocional, tornando a prática docente ainda mais desafiadora. Esse relato reflete transformações

culturais e sociais, como a maior inserção dos responsáveis no mercado de trabalho e as novas dinâmicas familiares.

A professora 5 concorda com a sua colega de trabalho quando afirma que o relacionamento com os pais lhe causa mal-estar: “Às vezes a gente dá uma orientação para família e eles não aceitam, não gostam, as famílias precisam ouvir mais os professores”. Concorde-se com Fanizzi (2023) sobre a desvalorização simbólica do professor e seu “não-lugar” de fala na cultura contemporânea, destacando como a autoridade docente é constantemente questionada. O depoimento da professora evidencia essa realidade, ao apontar a resistência das famílias em aceitar orientações e escutá-los. Esse cenário reflete uma desvalorização simbólica, em que o conhecimento e a experiência do professor muitas vezes não são reconhecidos, enfraquecendo sua posição e dificultando a construção de uma relação efetiva entre escola e família. A professora 3 também afirma que não tem a colaboração dos pais e fala que: “Em casa é uma coisa e na escola é outra”. Além disso, ela ressalta:

Quando eu não percebo o avanço de algumas crianças no final do ano, penso que eu não tenha trabalhado direito, eu fico um pouco frustrada, só que depois eu volto e vejo a frequência, vejo que aquelas crianças que não chegaram aonde eu desejava, foi por falta de presença. O desenvolvimento da criança não depende só do professor, mas da parceria com a família.

Abreu e Melo (2023) fazem justamente uma crítica a essa situação da falta de parceria da família com as professoras, tornando em muitos momentos a docência um ofício solitário e impotente. Esse sentimento de frustração é gerado pela responsabilidade que os(as) docentes têm pelo progresso das crianças, pois o(a) professor(a), sente-se constantemente vigiado e julgado, tanto por si mesmo quanto pelos outros pais, gestão e sociedade em geral. O docente internaliza essa vigilância e se condena por não conseguir atender plenamente às expectativas que lhe são impostas. Esse autojulgamento, aliado à pressão externa, contribui significativamente para o seu mal-estar, conforme alegam Ferreira e Pereira (2012). No entanto, sabe-se que esse progresso não depende apenas deles(as), mas do apoio familiar e das condições de trabalho que são oferecidas a esses profissionais.

Ao mencionar a questão das condições de trabalho, é possível elegê-la como a terceira fonte de mal-estar, considerando fatores como o número elevado de crianças por turma e a disponibilidade de materiais e recursos. A professora 4 relata que:

A questão da quantidade de crianças para a quantidade de profissional é assim um pouco **frustrante**, porque a gente quer fazer um trabalho mais

qualificado, mas por conta da quantidade, a questão do **tempo** acaba atrapalhando. A gente não consegue fazer de fato um trabalho mais individualizado com as crianças, acompanhar melhor esse desenvolvimento. Então isso acaba nos **sobrecarregando** e a gente não consegue refletir muito sobre a nossa prática e não consegue contribuir de forma eficaz para o desenvolvimento das crianças e você acaba se frustrando: “Ah não fiz isso com meus alunos”, “Ah ele não avançou nesse sentido, porque eu não consegui fazer isso”. Isso acaba deixando a gente de certa forma frustrada (grifo nosso).

Ademais a professora 1 também enfatiza o mal-estar decorrente da grande quantidade de crianças em turma. Diante disso, é possível perceber que as professoras precisam equilibrar a execução de suas funções pedagógicas com a gestão de um grupo numeroso de crianças, cada uma com suas particularidades e necessidades específicas, o que gera um mal-estar associado a sobrecarga de trabalho e à pressão por resultados.

Tendo em vista os relatos das professoras, é pertinente citar Ferreira e Pereira (2012), cuja pesquisa também evidenciou que as participantes mencionaram, com frequência, diversos desafios em suas práticas na educação infantil. Dentre esses desafios, destacam-se a falta de tempo diante da extensa carga de atividades, como o volume de registros e relatórios exigidos ao longo do ano, o número elevado de alunos por turma e a insuficiência de recursos físicos e materiais disponíveis na escola. Diante disso, constata-se que a grande quantidade de crianças e as demandas de tarefas, associadas à dificuldade de gestão do tempo, comprometem a realização de um trabalho mais qualificado, conforme mencionado anteriormente, intensificando o mal-estar das professoras.

Comentando ainda sobre as condições de trabalho, a professora 3 se expressa sobre os recursos: “Fico frustrada quando não tem de imediato o material, a pessoa tem que fazer um sacrifício e comprar o material para fazer a proposta”. A professora 4 concorda quando declara que: “A gente quer fazer coisas que não dependem da gente. Hoje, eu já consigo trabalhar isso e não me martirizar, seja por conta de material, ou por conta das condições mesmo”. Essas falas destacam como as condições de trabalho na educação infantil contribuem significativamente para o desconforto dessas docentes, gerando a necessidade de muitas vezes, recorrerem a recursos próprios para suprir o que pede o planejamento, se preocupando muito devido às ausências. Abreu e Melo (2023, p. 2) mencionam que:

[...] as professoras da Educação Infantil se veem num constante estado de mal-estar e, somadas a essas questões, há as más condições de trabalho, as políticas de desvalorização e o apagamento da função social das

professoras, os baixos salários, a falta de parceria com as famílias e a precarização do trabalho docente.

A quarta fonte geradora de mal-estar se refere à demanda de tarefas. Três docentes frisaram essa preocupação. A professora 1 comenta: “Não é só você com as suas crianças, tem a coordenação, tem pai de aluno, tem várias demandas para cumprir, que não cabe só dentro da sala de aula e fora a nossa vida. Eu não consigo conciliar adequadamente para ter esse equilíbrio mental”. Ferreira e Pereira (2012) já afirmavam em sua pesquisa sobre o impacto da sobrecarga de tarefas das docentes na educação infantil, que mesmo com boas intenções, acabam se frustrando quando não conseguem finalizar as suas tarefas. A professora 3 destaca:

Eu não sei trabalhar sob pressão, eu travo de tal forma. Se a coordenação me pedir hoje um relatório até o final do dia, eu fico travada, porque eu não sei por onde começar diante de tanta tarefa. Eu tenho que dar conta dos meninos, eu tenho que dar o lanche, eu tenho que fazer atividade e eu não consigo fazer.

Para Freud (2010), quando se exige mais do que o ser humano suporta, é provável que se ampliem os sintomas neuróticos. Essas consequências surgem como respostas aos conflitos internos gerado pela sobrecarga de demandas, levando o sujeito a um estado paralisia e sofrimento. A professora 4 menciona que: “São muitas demandas e às vezes a gente não tem tempo suficiente para suprir essas demandas”. Diante das diversas fontes de mal-estar identificadas, fica evidente que a atuação na educação infantil envolve uma complexa rede de desafios que contribuem para o mal-estar das docentes. No quadro seguinte, apresentamos as causas de mal-estar comentada pelas professoras:

Quadro 1 - Causas de desgaste na educação infantil:

1 - Lidar com a diversidade
2 - Relacionamento com a família
3 - Condições de trabalho
4 - Demandas de tarefas

Fonte: Organizado pela autora (2025)

O quadro destaca as principais causas de desgaste enfrentadas pelas docentes na educação infantil, conforme foi mencionado acima. A primeira causa mencionada é a dificuldade de lidar com a diversidade, tanto em termos de

aprendizado quanto de personalidade, o que exige paciência e habilidades específicas por parte das professoras. O relacionamento com as famílias, que aparece como a segunda fonte de mal-estar, devido à falta de parceria entre pais e professores gerando frustração.

Ademais, as condições de trabalho também são apontadas como uma causa significativa de desgaste, especialmente devido à grande quantidade de alunos por turma e a dificuldade de adquirir alguns materiais. Por fim, as demandas de tarefas, que vão além da sala de aula e são mencionadas como um fator que contribui para a sobrecarga e o esgotamento mental das professoras.

Na subseção seguinte, será explorado como a cultura contemporânea contribui para o mal-estar docente na educação infantil. Serão abordados temas como as mudanças na educação, os impactos tecnológicos, as novas dinâmicas familiares e sociais.

4.3 O mal-estar conjuntural

Nesta subseção, será realizada uma análise do mal-estar e dos impactos da cultura contemporânea na educação infantil, pois a cultura é temporal, sujeita a transformações contínuas ao longo do tempo. O mal-estar de uma professora de 1980, não é o mesmo de uma professora de 2025. “Tal afirmação nos faz refletir sobre o crescente desgaste da profissão, sobretudo se levarmos em conta o contexto de políticas públicas educacionais dos últimos sete anos que vêm destituindo as professoras de sua autonomia” (Abreu; Melo, 2023, p. 2).

Foi possível observar durante as entrevistas que no exercício da docência são enfrentados desafios relacionados à evolução tecnológica, mudanças educacionais, nas dinâmicas familiares e sociais. Primeiramente, as professoras citaram algumas mudanças, sendo elas o aluno como o centro do processo, que outrora era o professor. Souza (2021) em sua obra, afirma que um dos motivos da desvalorização dos(as) profissionais da educação tem como consequência as transformações na educação, visto que antigamente o professor era o centro do processo e atualmente quem assume esse centro é o aluno/criança.

Nesse sentido, observa-se que as transformações educacionais alteraram significativamente a organização do processo educativo, passando de um extremo a outro. Se, anteriormente, o professor ocupava o centro do processo, atualmente, essa

centralidade é atribuída ao aluno/criança. Ambas as situações colocam os educadores diante de impasses de difícil resolução, uma vez que, no ato de educar, estabelece-se uma relação dialética entre professor e aluno, na qual nenhum dos lados deve predominar de forma absoluta na cena educativa. Dessa forma, se, no passado, o mal-estar estava relacionado à centralidade do professor, que impunha métodos e conteúdos de maneira autoritária, atualmente, a crise aponta para o sofrimento decorrente da necessidade de adaptação à centralidade do aluno, resultando, entre outras consequências, na diminuição do lugar de autoridade do professor (Serra, 2023). Esse declínio da autoridade pode ser observado nas palavras da professora 3:

Antes o professor tinha mais autoridade sobre as crianças. Hoje o que é dito pelas crianças, é a verdade. Por mais que o professor esteja falando como foi, mas se a criança chega em casa e conta outra versão, o pai acaba acreditando na criança, mesmo ele sabendo que a criança é daquele jeito. Eles sempre acreditam que o filho deles é o certo.

A fala da professora revela um fenômeno que Fanizzi (2023) descreve como desautorização docente, em que a autoridade do professor é enfraquecida e sua palavra perde valor frente a outras instâncias, como a família. Ao relatar que os pais frequentemente acreditam na versão apresentada pela criança, mesmo cientes de que ela pode não estar sendo precisa, a professora evidencia uma inversão de papéis, onde o discurso infantil adquire mais credibilidade que o discurso docente. “Valor, autoridade e legitimidade são aspectos reiteradamente esvaziados no ofício docente” (Fanizzi, 2023, p. 66). Diante disso, nota-se como a autoridade do professor (a) está enfraquecida e impactando sua atuação e reconhecimento.

A sociedade contemporânea passou por uma fragmentação cultural e social, o que fez com que os valores tradicionais de autoridade fossem relativizados. A questão da autoridade, que antes estava intimamente ligada à hierarquia e ao respeito, começou a ser vista de maneira mais crítica, principalmente nas últimas décadas, com o fortalecimento da ideia de igualdade e questionamento das estruturas autoritárias.

Além disso, esse aspecto da cultura, que envolve a relação entre gerações anteriores e atuais, aponta para um apagamento do lugar do adulto. Observa-se que a falta de tempo dos pais com seus filhos e a desimplicação nessa relação parecem resultar em problemas psíquicos que já afetam a nova geração de professores, incluindo estagiários(as), antes mesmo de assumirem a docência. As crianças, por sua vez, têm seus cuidados substituídos por telas, que, muitas vezes, ocupam seu

foco, evitando assim a necessidade de que haja um cuidador presente. As professoras 1, 3 e a 5 afirmaram que está difícil a relação do professor com as crianças, apontando que há um comportamento cada vez mais desafiador, o que é bem desgastante e preocupante para os profissionais da educação. Elas observam que as crianças estão ansiosas e estressadas e são viciadas em telas. A professora 1 declara:

Hoje a gente consegue perceber isso muito latente nas crianças, o estresse e não é só da profissão, é da sociedade em geral. Eu percebo isso nas crianças, o quanto que a relação está difícil. A questão comportamental e emocional das crianças está tão deficiente.

A professora 3 compartilha do mesmo pensamento:

As crianças são altamente estressadas, com ansiedade, viciadas em telas, não tem paciência nem para sentar e ouvir uma história. Como os pais não têm tempo, acabam dando aparelhos eletrônicos para os seus filhos ficarem quietos e fazerem o que eles têm para fazer. Hoje os pais não possuem mais tempo para os seus filhos e acaba que a escola assume o papel das famílias.

A obra *Intoxicações Eletrônicas* (2017) organizada por Angela Baptista e Julieta Jerusalinsky retrata sobre o impacto das tecnologias digitais no desenvolvimento infantil e como o uso excessivo de telas pode contribuir para consequências adversas para as crianças. Os autores discutem como a exposição prolongada a dispositivos eletrônicos pode interferir na capacidade das crianças de se concentrar, regular suas emoções e desenvolver habilidades sociais adequadas.

Bernadino (2017), se referindo aos bebês e às crianças cita Lacan, que defende a teoria que o indivíduo precisa da linguagem para se constituir como sujeito, ou seja, ele defende a interação. Porém a autora levanta um questionamento de quais seriam as consequências da substituição das interações com o Outro por objetos virtuais? “Podemos afirmar que a introdução, cada vez mais precoce, das telas na experiência de vida do filhote humano traz um elemento estranho, mecânico, automático em seu funcionamento” (Bernadino, 2017, p. 157). Além do mais, ela relata que as crianças atualmente estão tendo dificuldades para brincar, inventar, criar e adentrar no faz de conta. Sendo consequências do consumo televisivo precoce e excessivo. A professora 5 expressa que:

Lidar com os conflitos das crianças nos deixa muito cansadas e estressadas. A gente está o tempo todo em busca de estratégias para melhorar as turmas, tem dia que a estratégia dá certo, tem dia que não, e aí a gente já tem que pensar em outra. Então, essa busca pela melhora causa muito cansaço, mental principalmente. Até quando eu vou dormir, eu tô buscando, pensando na minha turma, em algo melhor, uma estratégia nova pra eles melhorarem.

Na educação infantil, o professor atua diretamente com o aspecto emocional das crianças, interferindo em aspectos pulsionais e ajudando a mediar suas emoções e comportamentos. Atualmente, muitas crianças chegam à escola com o emocional fragilizado, reflexo de questões sociais, familiares e tecnológicas que impactam profundamente seu desenvolvimento. Como apontado pela professora, essa realidade torna o relacionamento com as crianças ainda mais delicado, exigindo dos(as) docentes uma maior sensibilidade e um bom equilíbrio emocional.

Sabe-se que nunca foi fácil lidar com o comportamento e os conflitos das crianças na educação infantil, mas as professoras percebem que essa relação está atualmente mais difícil e complicada. Um dos principais fatores que tem contribuído para esse cenário é a exposição exacerbada a tecnologias digitais, proporcionando para um ambiente escolar mais desafiador, tornando a gestão da turma mais exigente para os professores(as).

Além disso, a professora 3 chamou a atenção sobre a condição psíquica das estagiárias que chegam à instituição, observando que antes de atuarem na docência, já estão com problemas como ansiedade e depressão. Ela enfatizou que essas questões são um reflexo das exigências da nossa cultura contemporânea.

Essa nova geração não está preparada, as estagiárias que estão chegando aqui, já chegam com problemas psicológicos, com ansiedade e depressão. Às vezes desistem no primeiro mês, chegam a chorar na sala. São muitas cobranças, nós estamos em uma sociedade que é só cobranças, parece que o ser humano é uma máquina. A pessoa acorda vai para o serviço, depois vai estudar, para você ter um trabalho digno e ser bem-sucedido. A pessoa não tem mais tempo para a família, aí no final de semana em vez de você se divertir, você vai estudar, fazer relatórios, fazer trabalhos. Então, algumas estagiárias apresentam alguns comportamentos e a gente percebe. Algumas já chegam e falam logo de cara (Professora 3).

Sobre essas questões apontadas pela professora, vale retomar Freud (2010) quando afirma que, quanto maior forem as exigências da sociedade, maior será o mal-estar dos sujeitos. A professora 3 consegue identificar essas demandas, especialmente no que diz respeito à busca incessante pelo sucesso individual. Charlot (2020, p. 77) declara que “O que os homens têm em comum é o que, mais frequentemente, os separa e os opõe. O princípio de cada um por si em concorrência com os outros”. Ou seja, o autor está destacando uma característica fundamental da sociedade contemporânea, a competição intensa entre indivíduos, uma cultura que exige resultados e produtividade.

Diante dos desafios apresentados, é evidente que a cultura contemporânea contribui de uma forma significativa para o aumento do mal-estar das professoras. A

queda de autoridade, as mudanças nas dinâmicas familiares e o impacto das tecnologias digitais criam um ambiente de trabalho que demanda constante adaptação parte das docentes. Além disso, esses fatores, aliados às crescentes expectativas da sociedade, contribuem para o mal-estar e desgaste dos sujeitos. A seguir será apresentado como o mal-estar se manifesta em cada professora da educação infantil.

4.4 Sensações e sentimentos

Nesta subseção, serão exploradas as sensações e sentimentos das professoras, buscando compreender como o mal-estar se manifesta em cada uma delas. Através das suas experiências e relatos, será possível compreender as diferentes formas em que esse mal-estar se manifesta. A subjetividade desempenha um papel crucial na forma como o mal-estar é experimentado e percebido. Cada sujeito vive e interpreta sua realidade de maneira distinta, influenciada por suas experiências pessoais, sentimentos e percepções individuais. Assim, o mal-estar pode se manifestar de maneiras variadas, desde sintomas psicológicos como estresse, ansiedade, até efeitos físicos.

Diante disso, será possível perceber as diferentes formas em que esse mal-estar impacta o cotidiano docente na educação infantil, não somente na escola, mas também na vida fora da escola. A pergunta que norteou as seguintes respostas foi: “Como esse mal-estar se manifesta em você?”. A professora 1 afirmou sentir mal-estar todos os dias, mal-estar físico, psicológico e emocional:

Às vezes a gente para e se pergunta, será o que eu tô fazendo aqui? Será que é isso mesmo que eu quero? e rever as questões das profissões, o mal-estar é diário. Usei as férias só para me consultar. Sinto dificuldade de autorregulação, cansaço psicológico, falta de concentração e confusão mental.

Com relação que a professora 1 comentou, Abreu e Melo (2023) alegam que a desmotivação frequentemente se manifesta como uma perda de sentido na relação das professoras com seu trabalho, levando-as a não encontrarem propósito em suas atividades. A professora 2 relatou que esse mal-estar não afeta diretamente sua saúde, pois ela dedica muita atenção ao cuidado com sua saúde física e mental. No entanto, destacou que sente insatisfação e indignação no seu ofício, deixando claro que a relação com o outro não é uma tarefa fácil. A professora 3 compartilhou que sente mal-estar há vários anos, mas que a situação piorou após o nascimento de seus

filhos. Ela mencionou que estava tomando medicamentos e, recentemente, parou por um período:

Eu choro, fico angustiada, frustrada, ansiosa, iniciei desde o ano passado a tomar medicação. Uma ansiedade por conta de você tentar resolver tudo e não dar conta. A gente esquece do presente e já quer resolver o futuro. Tem dias que eu choro muito e parece que eu não vou conseguir. Sinto insônia, tristeza, estou com início de depressão, paraliso diante das atividades, sinto insegurança e estresse principalmente com os meus filhos (Professora 3).

A professora 4 expõe que sente mal-estar, se estressa e acaba levando isso para casa. Ela mencionou que essa situação estava prejudicando muito sua saúde, pois tinha crises de ansiedade. No entanto, afirmou que atualmente tem trabalhado bastante essa questão e tenta não levar os problemas da escola para a vida pessoal: “Isso é coisa de lá, então deixa pra lá, porque senão, eu hoje em dia, estaria tomando remédio.” Embora se sinta frustrada e ansiosa, ela observa que essa sensação agora é menos intensa; anteriormente, ela sentia com mais intensidade, mas hoje já consegue lidar melhor com essa questão.

A última professora expressou sentir mal-estar todos os dias e que lhe afeta tanto na escola, como na vida pessoal, tendo em vista que toma remédio todos os dias e sente muito estresse e cansaço mental: “Eu acordo todos os dias com o corpo todo dolorido, a sensação é de que eu nem descansei. Sofro de ansiedade e faço tratamento” (Professora 5).

Esse conjunto de depoimentos das professoras demonstra a complexidade do mal-estar e sofrimento na docência, especialmente na educação infantil. Esse mal-estar se manifesta nelas por meio da insatisfação, indignação, estresse, frustração, choro, angústia, tristeza, depressão, ansiedade, incapacidade, insônia, paralisia diante das atividades, cansaço psicológico, falta de concentração e confusão mental. Cada uma das professoras descreve como esse mal-estar se manifesta de maneira única, mas a maioria compartilha de sintomas semelhantes como o de estresse, ansiedade e frustração. Os principais sentimentos comentados pelas professoras participantes estão organizados na figura seguinte.

Figura 2 - O que sentem as professoras?



Fonte: Organizado pela autora (2025).

Esta figura acima ilustra os principais sentimentos e sintomas relatados pelas professoras entrevistadas, destacando a presença do mal-estar na docência. Entre os sentimentos mais frequentemente mencionados estão estresse, ansiedade, frustração, tristeza, angústia e incapacidade. Diante disso, os resultados evidenciam que o mal-estar docente na educação infantil é vivenciado com grande intensidade. Na próxima subseção, serão analisadas as estratégias adotadas pelas cinco professoras para lidar com o mal-estar vivenciado em seu ofício.

4.5 Como se lida com esse mal-estar?

Aqui será retratado o que as 5 professoras da educação infantil entrevistadas fazem diante desse mal-estar na tentativa de reduzi-lo. Freud (2010, p. 29) menciona que “Se não podemos abolir todo o sofrer, podemos abolir parte dele, e mitigar outra parte”. Então, por meio da seguinte pergunta: “Você busca fazer algo para reduzir o seu mal-estar? Se sim, o que você faz?”. Por meio dessa pergunta, pode-se perceber as estratégias que essas professoras utilizam para lidar com o mal-estar que enfrentam em sua prática pedagógica.

A professora 1 diz que está tentando fazer algo para reduzir o seu mal-estar, através de terapias e repensando a profissão, se quer continuar seguindo a carreira de professora. Já a professora 2, não faz acompanhamento com o psicólogo, mas tenta buscar refúgio na sua religião, na corrida e na família:

A primeira coisa que eu faço, é orar muito a Deus e entrego a minha mente a ele. E segundo é a corrida, que eu considero a minha terapia. Terceiro é tirar tempo para a minha família, porque muitas das vezes, a gente acaba se acumulando de serviço e acabamos abrindo mão de algo que não devíamos, momentos de lazer.

Essa professora relatou trabalhar intensamente seus pensamentos, afirmando para si mesma que não é perfeita, que eventualmente cometerá erros e que não carrega a pretensão de perfeição, o que, segundo ela, tem contribuído para sua libertação. Diante disso, é evidente que a sociedade impõe um padrão de ausência de erros e perfeição, internalizado no *superego*, o que gera conflitos psíquicos quando não se consegue atender a essas exigências, conforme destacado por Freud (2010). A professora 3 afirmou fazer tratamento com o psicólogo (terapias), além disso tomava remédio, mas parou por um determinado tempo.

Assim como a professora 2, a professora 4 diz que trabalha muito os seus pensamentos, tentando separar o máximo o profissional do pessoal e tenta colocar em mente que tem coisas que não dependem dela e não exigir muito de si mesma. Também busca refúgio nas atividades físicas e afirma que essas atividades físicas contribuíram muito para a diminuição dessas sensações e sentimentos de mal-estar e relatou ter vontade de fazer terapias.

A Professora 5 já utiliza diversas estratégias para reduzir seu mal-estar e sofrimento. Ela alegou fazer terapia, utilizar medicamentos, praticar atividades físicas ocasionalmente, orar e fazer uso de óleos essenciais. Portanto, observa-se que todas as professoras entrevistadas reconhecem o mal-estar e buscam formas de enfrentá-lo, o que está em consonância com a ideia de Freud (2010) de que é fundamental não apenas reconhecer o sofrimento, mas também adotar medidas para lidar com ele. No quadro seguinte são apresentadas as estratégias utilizadas pelas professoras.

Quadro 2 – O que fazem as professoras?

Professora 1	Terapia e repensando a profissão.
Professora 2	Oração, atividades físicas e tempo para a família.
Professora 3	Terapia.
Professora 4	Atividade físicas.
Professora 5	Terapia, remédio, atividade física, oração e óleos essenciais.

Fonte: Organizado pela autora (2025).

O quadro 2 resume as principais estratégias adotadas pelas professoras da educação infantil para enfrentar o mal-estar que experimentam em seu cotidiano. Pode-se concluir que, embora o mal-estar docente seja uma realidade presente no cotidiano das professoras da educação infantil, elas não permanecem passivas diante desse desafio. Ao contrário, elas se esforçam para adotar medidas que possam mitigar os impactos negativos, demonstrando uma resistência frente às adversidades que enfrentam em sua prática pedagógica.

Mesmo diante da gravidade do mal-estar que muitos professores enfrentam, alguns conseguem reagir de forma eficaz, lidando com as dificuldades profissionais e gerenciando os desafios característicos da sociedade contemporânea, como a natureza efêmera das mudanças, a rapidez das exigências, a indiferença nas relações e os excessos de informação e tarefas (Silva, 2017).

Nesta seção, foi explorado as exigências da educação infantil para os(as) docentes, os impasses que permeiam essa etapa e o mal-estar docente contemporâneo. Foi possível perceber como as mudanças culturais e tecnológicas impactam a educação infantil e como essas transformações têm intensificado o mal-estar das professoras ao longo dos anos. As entrevistas mostram como a cultura contemporânea, mencionando as dinâmicas familiares alteradas, queda de autoridade e o uso excessivo de tecnologias digitais, têm criado desafios significativos para as docentes. Além disso, percebe-se que o mal-estar não apenas persiste, mas se intensifica, refletindo as complexidades da sociedade atual.

Durante a escuta das professoras foi destacado que o mal-estar das professoras não é um fenômeno estático, ele se modifica com as condições sociais,

econômicas e culturais, demandando das docentes uma constante adaptação. Na próxima seção, será apresentado as considerações finais desta pesquisa, onde sintetizará os principais pontos discutidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, considera-se que a pesquisa atingiu os objetivos propostos, demonstrando como as docentes da educação infantil expressam seu mal-estar em relação ao ofício. Constatou-se que esse mal-estar se manifesta de diversas formas, incluindo sintomas como ansiedade, frustração, estresse, depressão, tristeza e confusão mental. A educação infantil, em particular, impõe exigências específicas às professoras, as quais frequentemente se veem sobrecarregadas pela necessidade de atender a múltiplas demandas, tais como as condições de trabalho, a gestão da diversidade em sala de aula, a mediação da relação entre escola e família e a promoção do desenvolvimento integral das crianças, abrangendo aspectos cognitivos, emocionais, psíquicos, físicos e sociais.

Diante desse cenário, torna-se evidente que a docência é um ofício complexo e que o mal-estar faz parte da profissão docente, pois envolve os desafios do cotidiano escolar e as expectativas da sociedade em relação à formação de crianças em um ambiente cada vez mais diverso e exigente.

A pergunta central da pesquisa, de que forma as docentes da educação infantil expressam o seu mal-estar no seu ofício, foi respondida de forma satisfatória. Os resultados obtidos evidenciam que o mal-estar das docentes além de ser estrutural, ou seja, inerente ao sujeito, também é conjuntural, pois está profundamente ligado à cultura contemporânea e suas exigências, uma vez que a pressão constante por desempenho e produtividade tem um impacto significativo na condição psíquica das professoras.

A cultura do desempenho, valoriza cada vez mais resultados imediatos e tende a desconsiderar o cuidado, a afetividade, o laço social, os processos de aprendizagem que são mais lentos, mas que são fundamentais no contexto da educação infantil. Essas expectativas, muitas vezes, geram frustração e um sentimento de insuficiência entre as professoras, que se veem incapazes de cumprir todas as demandas que lhes são impostas.

Para além disso, as transformações tecnológicas e sociais, as mudanças nas dinâmicas familiares, bem como mudança do foco do professor para o aluno no processo educativo, como apontado por Souza (2021), são fatores que têm exacerbado o sofrimento das professoras, criando um ambiente de trabalho mais desafiador e estressante. Portanto, as modificações na cultura contribuíram para a precariedade simbólica dos(as) docentes, enfraquecendo seu reconhecimento e valorização na sociedade.

Esses impasses têm resultado em um desgaste psicológico e emocional considerável para as(os) docentes. Além disso, observou-se que estagiárias enfrentam problemas psíquicos antes mesmo de iniciarem o ofício, refletindo a pressão intensa e a competição exacerbada presente na cultura contemporânea.

No entanto, a pesquisa também revelou que, diante dessas adversidades, as professoras buscam estratégias de enfrentamento variadas, como terapias, atividades físicas, apoio familiar e práticas espirituais. Essas ações demonstram a resistência e a capacidade de adaptação das docentes frente às dificuldades e reafirmam a importância de discutir e implementar políticas de apoio e valorização dessas profissionais essenciais para a educação infantil.

REFERÊNCIAS

ABREU, Roberta Melo de Andrade; MELO, Estefani dos Reis. Reflexões sobre o mal-estar docente no campo da educação infantil. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 26, p. 1-23, 2023. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>. Acesso em: 4 abr. 2024.

ARANDA, Silvana Maria. **Mal-estar docente**: olhares sobre o mal-estar docente. Curitiba: Bangai, 2023.

ARAUJO, Dhanyele Sousa; OLIVEIRA, Francisca Keila Ribeiro de; COSTA, Inácia Nathalia Oliveira da. O outro lado do paraíso: os desafios da docência na educação infantil. *In*: Encontro Internacional de Jovens Investigadores, 6., 2019, Campina Grande. **Anais**[...]. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/join/2019/TRABALHO_EV124_MD1_SA70_ID440_24082019000157.pdf. Acesso em: 06 abr. 2024.

ARAÚJO, Iara Martins de. **A precarização do trabalho docente e os motivos do adoecimento do professor da educação básica**: uma visão crítica. 2016. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/29053>. Acesso em: 09 jul. 2024.

ASSIS, Maria Cristina de. **Metodologia do Trabalho Científico** - Curso de Letras Virtual. João pessoa: Polo de Multimídia da UFPB / Curso de Letras Virtual, 2008.

BARBIERO, Kerlis. A importância do cuidar e educar na educação infantil. **Instituto Saber de Ciências Integradas**, Mato Grosso, abr. 2019. Disponível em: <https://www.isciweb.com.br/revista/1774-a-importancia-do-cuidar-e-educar-na-educacao-infantil>. Acesso em: 15 jul. 2024.

BAPTISTA, Angela (org.); JERUSALINSKY, Julieta (org.). **Intoxicações eletrônicas**: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL pode enfrentar falta de professores na educação básica até 2040. [S. l.: s. n.], 2023. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal Fala Brasil. Disponível em: <https://youtu.be/O-giABPSnDA?si=1sak8P87K9kg69VI>. Acesso em: 29 abr. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República Civil, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm#:~:text=L9394&text=Estabelece%20as%20diretrizes%20e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=Art.%201%C2%BA%20A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20abrange,civil

%20e%20nas%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20culturais. Acesso em: 17 abr. 2024.

BERNADINO, Leda Mariza Fischer. Da babá “catódica” aos duplos virtuais: os novos ‘outros’ da infância contemporânea. *In*: BAPTISTA, Angela (org.); JERUSALINSKY, Julieta (org.). **Intoxicações eletrônicas**: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma, 2017. p. 146-165.

CARLOTTO, Mary Sandra. A Síndrome de Burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002. Disponível em: scielo.br/j/pe/a/hfg8JKJTYFpgCNgqLHS3ppm/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 12 jun. 2024.

CHARLOT, Bernard. **Educação ou barbárie?**: uma escolha para a sociedade contemporânea. Tradução: Sandra Pina. São Paulo: Cortez, 2020.

FANIZZI, Caroline. **O sofrimento docente**: apenas aqueles que agem podem também sofrer. São Paulo: Contexto, 2023.

FERREIRA, Mônica Baldiotti Campolina; Pereira, Marcelo Ricardo. O mal-estar docente na educação infantil. *In*: Retratos do mal-estar contemporâneo na educação, 9., 2012, São Paulo. **Proceedings[...]**. São Paulo: USP, 2012. Disponível em: [a12n9.pdf](#). Acesso em: 04 abr. 2024.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos 1930-1936**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, v. 18).

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GUISSO, Sandra Maria. **Educação infantil**: história, formação e vivência. Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

KRAMER, Sonia. Formação de profissionais da educação infantil: questões e tensões. *In*: MACHADO, Maria Lucia de A. (org.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KUPFER, Maria Cristina Machado; LERNER, Ana Beatriz Coutinho. **Retratos do mal-estar contemporâneo na Educação Infantil**. *In*: VOLTOLINI, Rinaldo (org.). Retratos do mal-estar contemporâneo na educação. São Paulo: Escuta, 2014. p. 221-240. Disponível em: ReP USP - Detalhe do registro: Retratos do mal-estar contemporâneo na educação infantil. Acesso em: 17 jun. 2024.

LICE, Dora. **O calvário de uma professora**. São Paulo: Estabelecimento Gráfico irmãos Ferraz, 1928.

LIMA, Lucinete Marques. **Metodologia da pesquisa educacional**: conceitos e

orientações metodológicas. São Luís, 2012.

MARTINEZ, Deolidia. Mal estar docente. *In*: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Maria Cancelli; VIEIRA, Lívia Maria Fraga. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/106-1.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2024.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Tradução: Cristina Antunes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MELIM, Ana Paula Gaspar; ALMEIDA, Ordália Alves. A abordagem de Emmi Pikler: olhares sobre contextos educativos para bebês e crianças pequenas. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, Salvador, v. 8, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.ciespi.org.br/media/files/fcea049a8ec4d511ecbe6e5141d3afd01c/fb609f98b651e11edbe6e5141d3afd01c/a-abordagem-de-emmi-pikler.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2024.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 34, set. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em: 04 set. 2024.

PEREIRA, Jeciane Silva; SERRA, Lia Silva Fonteles. O mal-estar docente na Educação Infantil. **Cadernos do GPOSSHE On-line**, v. 8, n. 2, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/14417>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SANTOS, Yara Magalhães dos. Do mal-estar social ao mal-estar docente: contribuições da psicanálise. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 60, p. 127-146, 2020. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-70432020000400127&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 28 mar. 2024.

SERRA, Lia Silva Fonteles. Autoridade e discurso pedagógico contemporâneo: apontamentos a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) brasileira. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 30, p. e15341, 2024. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/15341>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SILVA, Ailton Souza da. **Bem-estar na docência: estratégias de enfrentamento dos docentes de uma escola pública no combate ao mal-estar docente**. 2017. Dissertação (Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social) - Universidade de Cruz Alta, Cruz Alta, 2017. Disponível em: https://home.unicruz.edu.br/wp-content/uploads/2018/04/DISSERTA__O-AILTON.pdf. Acesso em: 24 ago. 2024.

SOARES, Cintia Vailatti; DICKEL, Adriana. **Além de fraldas e mamadeiras:** contribuições da abordagem de Emmi Pikler à educação infantil. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2020.

SOUZA, Fernanda Maria Galvão de. **O mal-estar docente na educação infantil.** 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/34211/1/DISSERTACAO%20DEFENDIDA%20SIGAA.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2024.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa.** 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Perguntas para a entrevista:

Nome:

Idade:

Formação:

Carga horária:

Possui filhos ?

Quanto tempo atua na área da educação ?

- 1- Ser professora era a profissão que você almejava? Justifique
- 2- Desde o período que você começou atuar na educação infantil, você percebeu algumas mudanças? Se sim, quais?
- 3- Para você, atuar na educação infantil requer algo a mais do que em outras etapas?
- 4- Quais são as suas preocupações diárias na sala de referência?
- 5- Sabemos que todo ser humano convive com sensações e sentimentos de mal-estar ao longo da vida, nos diversos espaços da cultura e nas relações. Nesse sentido, você já sentiu ou sente algum mal-estar em seu exercício docente ?

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

6- O mal-estar que experimenta na docência tem impacto na sua saúde?

7- Como esse mal-estar se manifesta em você ?

8- O que lhe causa mal-estar como professora da educação infantil?

9- Na sua opinião, essa profissão pode trazer sofrimento para os profissionais? Por que?

10-Você busca fazer algo para reduzir o seu mal-estar? Se sim, o que você faz?

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Este documento visa solicitar sua participação no estudo intitulado “O mal-estar docente na educação infantil: uma perspectiva freudiana” que objetiva “Analisar de que forma as docentes de uma instituição de educação infantil expressam o seu mal-estar diante da sua prática pedagógica”, em desenvolvimento pela estudante Jeciane Silva Pereira da disciplina Pesquisa Educacional II do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), sob a orientação da Profa. Dra. SIRLENE MOTA PINHEIRO DA SILVA. Para isso, solicitamos sua valiosa contribuição concedendo entrevista individual, gravada em áudio. A pesquisa também poderá ser utilizada futuramente para o Trabalho de Conclusão de Curso.

Por intermédio deste Termo lhe será garantido os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esta Pesquisa; (2) sigilo absoluto sobre nomes, apelidos, datas de nascimento, local de trabalho, bem como quaisquer outras informações que possam levar à identificação pessoal; (3) ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (4) opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento oficial, o que será prontamente atendido; (5) desistir, a qualquer tempo, de participar da Pesquisa.

“Declaro estar ciente das informações constantes neste ‘Termo de Consentimento Livre e Esclarecido’, e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto de meus dados pessoais e de minha participação na Pesquisa. Poderei pedir, a qualquer tempo, esclarecimentos sobre esta Pesquisa; recusar a dar informações que julgue prejudiciais a minha pessoa, solicitar a não inclusão em documentos de quaisquer informações que já tenha fornecido e desistir, a qualquer momento, de participar da Pesquisa”.

_____, ____ de _____ de 20__.

Colaborador/a: _____

Endereço: _____

Tel.: _____ e-mail: _____

Assinatura da/o Colaborador/a

ANEXO B – CARTA DE APRESENTAÇÃO À ESCOLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão.

São Luís, 15 de julho de 2024.

Sr/a. Gestor/a:

Dirigimo-nos a V. S^a para apresentar os/as discentes

Seriane Silva Pereira

da

disciplina Pesquisa Educacional II do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), para que, sob a sua autorização, realizem atividades de observação e coleta de informações junto aos/as profissionais desta escola. Cumpre ressaltar que a referida disciplina objetiva “desenvolver pesquisas sobre práticas educativas ou pedagógicas relacionadas com gestão do trabalho docente”. Contamos com a sua valiosa contribuição em possibilitar as condições necessárias para o desenvolvimento do trabalho.

gov.br

Documento assinado digitalmente
SIRLENE MOTA PINHEIRO DA SILVA
Data: 11/07/2024 08:08:48-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Sirlene Mota Pinheiro da Silva

Matrícula nº 2435698